

HijabUp

HIJABUP: CRIAÇÃO DE UM JOGO DRESS UP

Projeto de Conclusão de Curso

Giulia Muñoz Gushikem

Orientadora Prof^a Dr^a Ana Beatriz Pereira de Andrade

UNESP

Bauru, São Paulo - 2016

Universidade Estadual Paulista
UNESP
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação
Departamento de Design

HijabUp

HIJABUP: CRIAÇÃO DE UM JOGO DRESS UP

Projeto de Conclusão de Curso
Giulia Muñoz Gushikem
Orientadora Prof^a Dr^a Ana Beatriz Pereira de Andrade

Bauru, São Paulo - 2016

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a minha família, em especial os meus pais, Renata e Roberto, pelo total apoio ao meu trabalho e por sempre confiarem e acreditarem nos meus sonhos. Agradeço a minha irmã, Giovana, que sempre se empolgou e me apoiou em meus projetos, meu namorado, Alex, que me ajudou a entender porque meu código não funcionava.

Agradeço a minha orientadora, Prof^a Dr^a Ana Beatriz Pereira de Andrade, pelo apoio de sempre.

Expresso também enorme gratidão a todos que contribuíram de alguma forma para a realização desse trabalho.

RESUMO

O hijab é uma vestimenta islâmica presente em diversas sociedades e culturas no mundo. Dessa forma, a maneira como as mulheres muçulmanas vestem-se varia. O objetivo desse projeto é criar um jogo dress-up no qual o jogador possa criar combinações de roupas e véus diferentes. O hijab é uma escolha da mulher, e deve ser respeitada. O jogo é uma forma de conscientizar as pessoas de que o uso do hijab é normal e contemporâneo.

ÍNDICE

5	INTRODUÇÃO: O COMEÇO DE UM APRENDIZADO
7	RELIGIÃO ISLÂMICA
8	OS PILARES DO ISLÃ
9	DIVERSIDADE NO ISLÃ
10	VERTENTES DO ISLÃ
11	O HIJAB NO ALCORÃO
12	A MULHER NO ISLÃ
13	PORQUE OS HOMENS NÃO SE COBREM?
15	O USO DO VÉU
16	PRINCIPAIS TIPOS DE VÉU
17	ISLAMIC FASHION
23	BAD HIJAB X GOOD HIJAB
24	HIJAB E INTERNET
25	USANDO O VÉU NO BRASIL
27	MUÇULMANAS EM BAURU
29	EXPERIÊNCIA NA IRLANDA
31	JOGO
31	INTRODUÇÃO
32	REFERÊNCIAS
33	ANÁLISE DE SIMILARES
34	CONCEPT ART: SUL ASIÁTICO
44	CONCEPT ART: ORIENTE MÉDIO
54	CONCEPT ART: SUDESTE ASIÁTICO
64	CONCEPT ART: ÁFRICA
73	CONCEPT ART: AMÉRICA E EUROPA
81	DESENVOLVIMENTO DO JOGO
83	IDENTIDADE VISUAL
83	TIPOGRAFIA
84	CENÁRIOS
86	TELAS DO JOGO
88	GAME DESIGN
96	LINK PARA O JOGO
97	CONCLUSÃO
98	BIBLIOGRAFIA
100	LISTA DE FIGURAS
101	GLOSSÁRIO

INTRODUÇÃO: O COMEÇO DE UM APRENDIZADO ...

Todo o interesse pela moda muçulmana começou por volta de 2013, ano no qual a autora realizou a sua Iniciação Científica: O Hijab e a Mulher Muçulmana: uma relação de religião, liberdade e moda. Durante um ano, pesquisou-se sobre o tema para desenvolver uma criação de véus brasileira.

Ao começar este projeto, as noções e conhecimentos da pesquisadora sobre Islã eram bem limitados. Mas o pouco que era sabido causava incômodo. Eram apenas noções básicas aprendidas no ensino médio e a superficialidade observada nas mídias. Por curiosidade em querer saber mais sobre a religião, iniciou-se o processo de estudos para ampliar o entendimento. E conforme o caminhar, desvendando preconceitos acerca da religião islâmica, houve o despertar de um interesse muito grande em relação a vestimenta das muçulmanas.

Ampliou-se a visão em relação ao hijab. Antes era imaginado que o véu era algo imposto às mulheres muçulmanas. Sim, o hijab é de fato, entendido como uma obrigatoriedade religiosa, mas não significa que isso seja imposto às mulheres. O uso do véu é uma escolha pessoal e muito importante para a vida de uma mulher muçulmana. Isto porque ao usá-lo, ela estará visivelmente muçulmana. E tomar essa atitude em países ocidentais de maioria católica como o Brasil, é uma decisão que requer atitude, pois a mulher estará sujeita a julgamentos.

Em navegações pela web, verificou-

se inúmeros blogs, vídeos e sites totalmente dedicados à moda islâmica feminina.

Percebeu-se que o mundo feminino islâmico não é diferente do mundo feminino como em qualquer outra cultura e religião. As muçulmanas são tão vaidosas e preocupadas com a aparência e com as roupas como qualquer outra mulher. É algo natural para elas usar o véu.

E existe uma grande indústria fashion islâmica para atender esse público de mulheres muçulmanas. Afinal, a religião islâmica é a segunda maior do mundo e também a que mais cresce. Tratam-se de eventos grandes, a nível do São Paulo Fashion Week, que influenciam nas tendências da moda do ano. E a definição de moda, tem amplos universos e significados. Existem, por exemplo, as moças hijabistas (fashionistas) e as que optam por algo mais discreto.

O hijab é o conjunto de roupas que a mulher deve usar com o objetivo de ser humilde e discreta. A essência do hijab é ser livre dos olhares alheios, como uma forma de proteção. Por isso a moda no Islã não é a mesma moda nos países ocidentais. A moda islâmica procura sofisticação e elegância, porém sem mostrar partes do corpo. Essa questão é também discutível e perceptível entre os designers de moda islâmica.

Com esse entendimento, procura-se com esse projeto a criação de um jogo dress up que demonstre as diferenças nas vestimentas das mulheres muçulmanas ao redor do mundo.



Figura 01- Coleção de véus
Fotos da autora, julho de 2014.

RELIGIÃO ISLÂMICA

Antes de discutir o uso do véu, é importante colocar em cena alguns princípios básicos da religião islâmica.

O Islã é uma religião baseada nos ensinamentos do profeta Muhammad, escritos no Alcorão após sua morte, por volta de 600 D.C., e desde então conquistou milhares de fiéis por todo o mundo. Tornou-se a segunda religião com maior número de fiéis no mundo e a que mais cresce.

A religião islâmica tem grande força no Oriente Médio, Norte Africano, países subsaarianos e Ásia, destacando-se a Indonésia, país com maior quantidade de muçulmanos não árabes do mundo. Encontra-se em escalas menores em várias outras partes do mundo, inclusive o Brasil, que teve consideráveis ondas de imigração árabe, com uma população em cerca de 1,5 milhão de muçulmanos.

Decorrente dos conflitos sócio-culturais, políticos, econômicos, territoriais e outros interesses dos países muçulmanos entre si, e somando-o ao conflito com o mundo Ocidental, as divergências e distorções do que é o Islã e de quem são os muçulmanos são imensas.

O posicionamento da mulher na sociedade islâmica gera infinitas discussões na mídia global responsável por reforçar estereótipos criados a partir de um argumento sensacionalista e generalizador. O resultado é o de um falseamento da identidade às mulheres muçulmanas. Assim como Elisabeth Wilson relata, em seu capítulo de Modest Fashion (livro sem tradução em português) no qual a autora diz que:

“At the outbreak of the war in Afghanistan [...] Cherie Blair and Laura Bush wrote to describe the awful injustices endured by Afghan women and implored their new best feminist friends to support a war that would emancipate these oppressed women. The veil and oppression of women were collapsed together in the interests of American neo-colonial aggression and the women of the women of the Middle East were to be rescued by Western armed intervention.”
(WILSON: 2013)

OS PILARES DO ISLÃ

Na religião islâmica existem 5 pilares fundamentais para os muçulmanos: fazer a shahada (acreditar em Deus e no mensageiro Muhammad, nos profetas e nas escrituras sagradas); orar cinco vezes ao dia, obvca, se tiver condições de saúde e financeiras.

No Islã, acredita-se no Paraíso e no Inferno. No Paraíso entram os bons credores, os que tentam ao máximo seguir a vida de acordo com o livro sagrado, e lhes é prometido a vida eterna, perdão sobre todos os pecados cometidos em vida e a realização de todos os desejos. No Islã a relação com o corpo é muito importante. O cuidado com a higiene pessoal, a forma de se alimentar, o ato de jejuar no Ramadan (mês sagrado de jejum para os muçulmanos) e entre outros costumes fazem parte de uma conduta islâmica para manter o corpo sempre limpo e purificado.

Essa relação entre corpo e o Islã é descrita no livro da antropóloga e professora da USP, Dra. Francirosy Campos, no qual é citada a obra *A sexualidade no Islã*, de autoria de Abdelwahab Bouhdiba, professor da Universidade de Túnis. Nesta é retratada a diferença entre o Islã e o Cristianismo em relação ao corpo, e o modo de como a relação entre corpo, mente e sagrado são importantes no Islã.

O casamento, para os muçulmanos, é uma grande parte da religião. Ser um bom muçulmano, cumprir os cinco pilares são uma metade, e a outra, é casar-se. O amor é importante no Islã. Como diz Bouhdiba:

“É desse modo que é necessário compreender a palavra de Maomé: ‘Casar-se é realizar a metade da religião.’ O amor é, pois, a metade da fé. A personalidade do homem não se completa senão na intimidade dos sexos. A unidade fundada pelo -nikāh é uma missão criadora, pois funda-se em liberdade assumida no quadro da vida com o outro. Essa intuição essencial faz do nikāh uma missão sagrada. A fruição sexual remete a Deus. A mulher não é um bem que o homem possuiria, nem um mal nela mesma, ainda menos um meio de gozo ou um objeto de prazer para o homem. E o homem, por seu turno, não é um bem que sua mulher possuiria, nem um mal menor para ela ou em um meio de prazer ou de simples gozo. O que conta é a relação de afeição que os une. Também o amor no Islã é uma verdadeira prece.” (BOUHDIBA: 1975)

DIVERSIDADE NO ISLÃ

No Islã, assim como no Cristianismo, existem diferentes escolas de interpretação dos textos corânicos e dos hadiths.

O Alcorão é considerado como a palavra direta de Deus revelada através do profeta Muhammad. Os familiares e seguidores do profeta transmitiam essas revelações corânicas principalmente por meio oral e alguns eram responsáveis pela transcrição das revelações. Após a morte do profeta, os seguidores dele uniram as revelações escritas e organizaram-no no que viria a ser o Alcorão.

O Hadith, do árabe حديث، são relatos escritos da vida do profeta e são tidos como um complemento dos textos corânicos.

Seis destes hadiths são aceitos pelos sunitas. Os xiistas por sua vez, seguem os Quatro Livros, ou em árabe, Al-Kutub Al-Arb'ah , e consideram Ali, genro de Muhammad, como o sucessor do califado. Os sunitas, que seguem a Sunnah, acreditam que Abu Bakr, sogro do profeta Muhammad, era o sucessor do califado.

Essas diferenças, conforme os séculos, resultaram-se em diferentes escolas de jurisprudência islâmicas, ou seja, diferentes interpretações dos hadiths e dos textos corânicos.

“O Islã atual é tão diverso que se tornam duvidosas afirmações do tipo “os muçulmanos fazem ou pensam dessa ou daquela maneira”. Há muito mais variações no Islã que compreensões universalistas e uniformistas atribuídas, muitas vezes, aos muçulmanos.”(ARAÚJO, 2009, p.83)

VERTENTES DO ISLÃ

O estudo das diferentes jurisprudências islâmicas é profundo e complexo que não são aprofundados nessa pesquisa. São eles: Hanafi, Hanbali, Maliki, Shafi'i(sunismo); Ismaili, Jafari, Zaidi (Shia) e outras minorias.

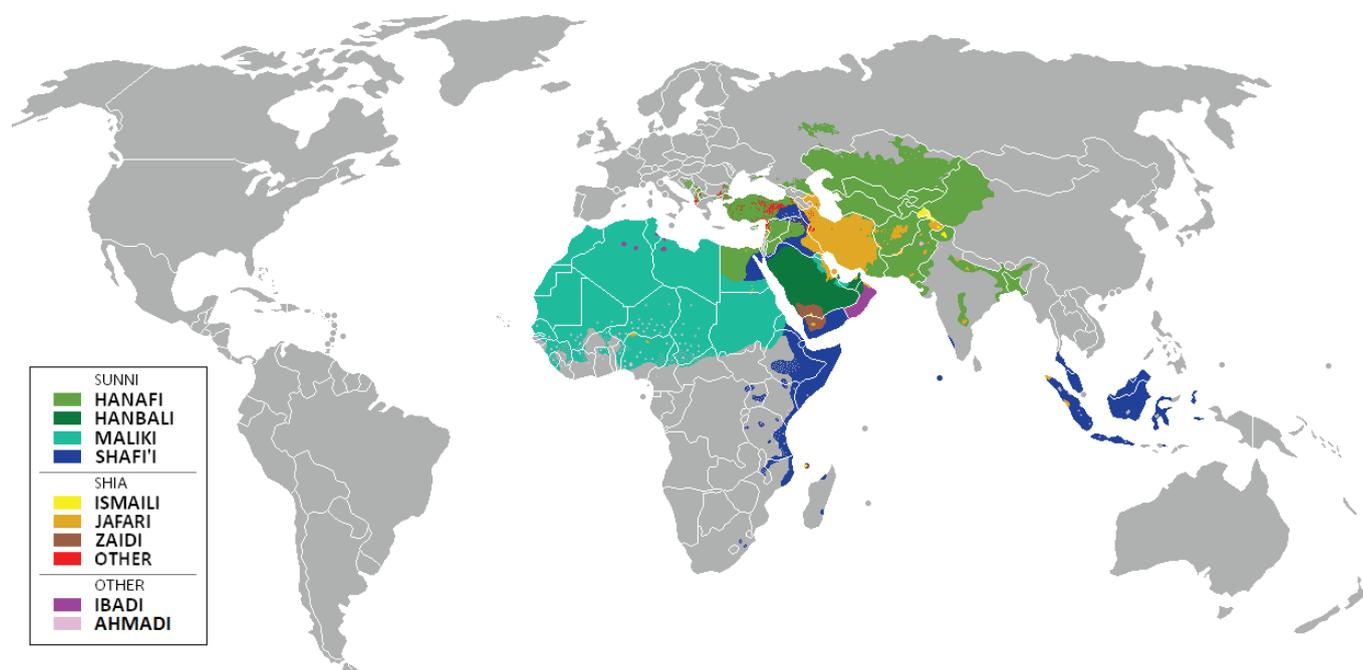


Figura 02 - Jurisprudências islâmicas
Disponível em: <http://revistasic.gumilla.org/2016/el-islam-dividido/>
Acesso em: 17 de julho de 2014.

O HIJAB NO ALCORÃO

Podem ser retirados diversos trechos no livro sagrado islâmico que mencionam o uso do véu. De maneira geral, entende-se que o véu é uma obrigatoriedade religiosa, fato ressaltado por Francirosy Campos, em debate na USP sobre o filme “*Nem Sempre me Vesti Assim*”, de Betty Martins. Seguindo a pesquisadora, é indubitável que o hijab é uma obrigatoriedade na religião islâmica. O uso do véu e das vestimentas islâmicas é porém uma escolha da mulher e ela assim o faz porque ama a sua religião e ama a Deus.

Diz o trecho retirado do Alcorão que aconselha as mulheres a se cobrirem, no capítulo Al Annour, A Luz, em português:

“(30) Dize aos fiéis que recatem os seus olhares e conservem seus pudores, porque isso é mais benéfico para eles; Deus está bem inteirado de tudo quanto fazem. (31) Dize às fiéis que recatem os seus olhares, conservem os seus pudores e não mostrem os seus atrativos, além dos que (normalmente) aparecem; que cubram o colo com seus véus e não mostrem os seus atrativos, a não ser aos seus esposos, seus pais, seus sogros, seus filhos, seus enteados, seus irmãos, seus sobrinhos, às mulheres suas servas, suas criadas isentas das necessidades sexuais, ou às crianças que não discernem a nudez das mulheres (...).” (ALCORÃO. Século VII)

Porém os trechos que mencionam o uso do véu são interpretados diferentemente por estudiosos e clérigos de diferentes segmentos e tradições religiosas islâmicas.

Para alguns, o trecho refere-se, em modo geral, a importância da modéstia e da humildade; para outros, são interpretados como regras explícitas de que o véu deve ser usado e como ser usado (TARLO, 2010).

A mulher muçulmana usa o véu, interpretando o uso como um dever divino.

Ela usa o hijab porque ama a Deus, e o usa porque isso a satisfaz como muçulmana.

A MULHER NO ISLÃ

O Islã, para as muçulmanas, valoriza a mulher e o papel da mulher na sociedade e na família.

O Islã, ao contrário do que é propagado pela mídia sensacionalista, foi uma das primeiras religiões monoteístas a resguardar os direitos das mulheres em muitos aspectos jurídicos e sociais. CAMPOS, 2015 Podem-se retirar do Quran vários trechos que resguardam os direitos da mulher tais quais: o direito de divórcio, direito ao voto, direito ao estudo, direito ao trabalho, direito ao prazer sexual, direito ao casamento e direito a herança.

Para Francirosy Campos, professora doutora da USP Ribeirão Preto, em entrevista ao canal Arresala, diz que a violência contra a mulher é histórica e situada, e não uma questão religiosa. A mulher muçulmana deve, através do estudo, procurar conhecimento sobre o papel da mulher no Islã e na jurisprudência islâmica, para reconhecer seus direitos, exigi-los e resguardá-los.

As mulheres muçulmanas apoiam a ideia de que o Islã defende a igualdade entre homem e mulher, e resguarda os direitos delas. Esse trecho foi retirado de uma tradução de uma matéria do jornal online Al Jazeera:

“(...) uma definição concisa do feminismo islâmico é colhida dos escritos e do trabalho de protagonistas muçulmanas por meio de discursos e práticas feministas, que extraem sua interpretação e missão do Corão, buscando direitos e justiça dentro do contexto de igualdade de gênero para mulheres e homens na totalidade de sua existência. O feminismo islâmico explica a ideia de igualdade de gênero como algo que faz parte da noção corânica de igualdade de todos os insan (seres humanos) e reclama a implementação da igualdade de gênero no Estado, nas instituições civis, no cotidiano. Ele rejeita a dicotomia público/privado (a propósito ausente na jurisprudência islâmica dos primórdios, ou fiqh) conceituando uma holística na qual os ideais do Corão operam em todos os espaços.” (FAWCET: 2013)

POR QUE OS HOMENS NÃO SE COBREM?

Na religião islâmica, os homens, assim como as mulheres, também devem vestir roupas que cubram os braços e as pernas, e mostrar recato e respeito se estiverem na presença de outras mulheres.

Assim como a mulher tem um código de vestimenta, o homem também tem o seu. No Islã, ressalta-se a igualdade entre o homem e a mulher, porém as diferenças entre os gêneros são bem definidas, pois um complementa o outro. Nos tempos do profeta, os homens costumavam deixar a barba símbolo de masculinidade, enquanto o véu, símbolo de feminilidade BOUHDIBA. Também é recomendado aos homens não usarem roupas de seda, e nem usar acessórios feitos de ouro pois ambos são destinados às mulheres.

Nos países islâmicos, é comum o uso de roupas islâmicas masculinas por parte dos homens. Nas capitais ocidentais, muçulmanos novos costumam usar camisetas e bermudas como os ocidentais, ao lado de suas esposas, mães e parentes que se cobrem conforme as regras islâmicas.

Essa diferença em relação a postura adotada por homens e mulheres em países ocidentais é mencionada no livro Modest Fashion:

“When, on a hot day in London, I see a woman wrapped in a black sack tagging along beside a guy in a light t-shirt, jeans and sneakers, my first reaction is: ‘How bloody unfair!’ Jonh Stuart Mill, who enunciated the liberal’s classic harm principle, was himself passionate against the almost despotic power of husbands over wives.’ But before we leap to this conclusion, shouldn’t we ask the women themselves? Or do we paternalistically ...assume they don’t know what is good for them, and must be forced to be free?” (WILSON: 2013, p.166)

É justa a observação de Timothy Garton, mencionado no capítulo “Can we discuss this?”, de Elizabeth Wilson em *Modest Fashion*. Mas a forma das mulheres muçulmanas se vestirem em resposta à hiper sexualização da mulher nas sociedades ocidentais é interessante ao ser analisada. A indústria de beleza e fashion ocidental produziram, ao longo dos anos, a imagem de uma mulher ultra sexualizada e objetificada. O machismo contribui para que as mulheres sejam objetificadas e isso acarreta como um grande peso sobre as mulheres. Nesse aspecto, as mulheres muçulmanas e as feministas têm interesses em comum.

A mulher muçulmana usa o acessório porque se sente respeitada e seguindo as palavras do livro sagrado de sua religião. Isso não as denigre ou as diminui diante a sociedade. O Islã valoriza o intelecto, e cobrir-se é um meio de valorizar as atividades mentais, as orações, e as reflexões. Para uma mulher que usa o véu, ser independente, é ter esse poder de escolha, e poder escolher usar o véu.



Figura 03 - Daring Rescue
 Figura de Tuffix, 2009.
 Disponível em <tuffix.deviantart.com/art/daring-rescue-130112938>.
 Acesso em 06 de julho, 2014.



Figura 04 - Obra de Carol Rossetti
 Disponível em: <<https://www.facebook.com/carolrossettidesign/photos>>.
 Acesso em: 17 de julho de 2014.

O USO DO VÉU

O véu sempre esteve presente nas sociedades islâmicas, e mudou muito durante os séculos.

A adoção do niqab e da burqa tornou-se mais comum no século XIX, porém com o declínio do Império Otomano, no período de reestruturações denominado Tanzima, e após a sua queda e a instauração da república, o uso do véu passou a ser cada vez mais desincentivado. Pode-se dizer que o uso e desuso do véu, em momentos históricos tais como a Primavera Árabe, estão relacionados com movimentos políticos, de reafirmações religiosas islâmicas. Esse período de modernização do mundo islâmico é descrito no livro *Islamic Fashion and Anti-Fashion*:

“At a time when social and bodily norms were changing at a dazzling speed in relation to invented traditions and imagined modernities, the state elite and public employees were expected to guide the people along the complicated Turkish modernity. Beginning in 1923, the year Turkey was established as a republic, a series of laws progressively limited the use of clothing items that connoted the empire and Islam.” (TARLO: 2013, p.108)

O uso do véu foi desestimulado pelo governo egípcio e seu uso se tornou incomum nas décadas de 30 e 40. Na eclosão de conflitos no período da Guerra dos Seis Dias, o uso do véu retomou com força também nos países árabes. O uso do véu também se tornou mais frequente após o 11 de setembro, como uma reafirmação das escolhas religiosas e uma forma de manifestar em relação à islamofobia generalizada.

Isso também é observável no infográfico da designer egípcia Nora Aly:

EVOLUTION OF HIJAB SINCE 1870

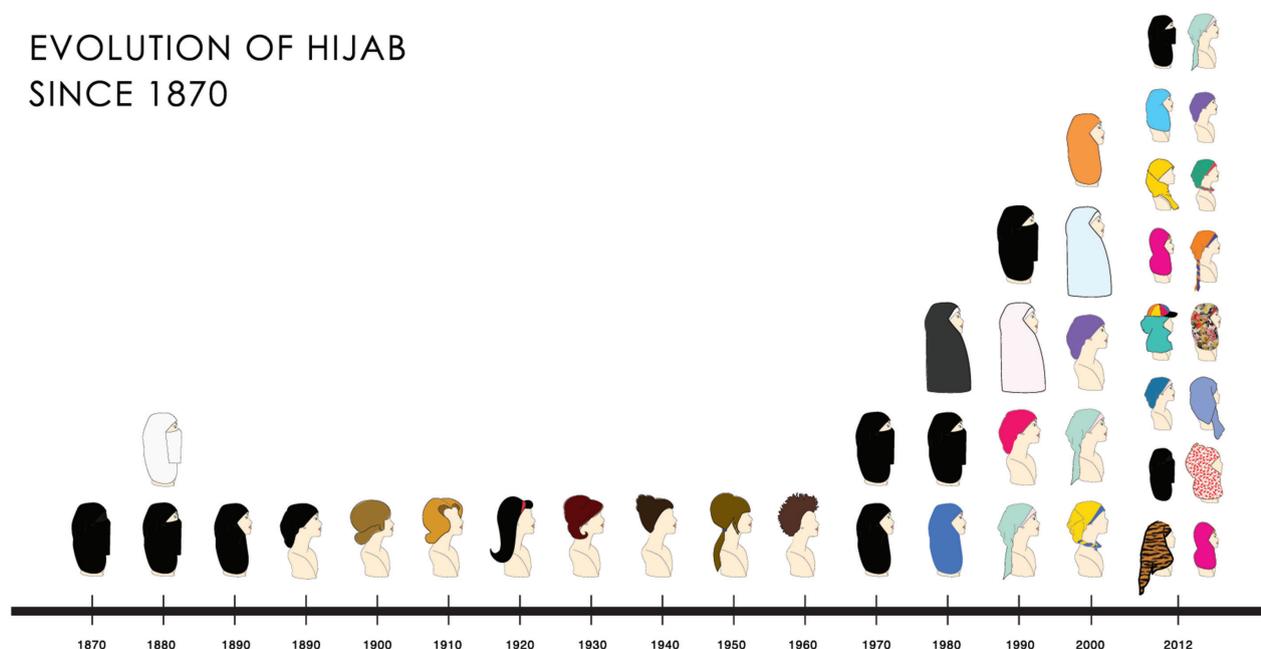


Figura 05 - Infograph 01: about hijab. Nora Aly, 11 de setembro, 2012. Disponível em: <<http://www.behance.net/gallery/Infograph-01/5101809>>. Acesso em: 09 de setembro, 2013.

PRINCIPAIS TIPOS DE VÉU

A burqa é uma das peças mais tradicionais. Cobre o rosto, os olhos, e todo o corpo da mulher. É usada em algumas vilas e regiões rurais do Sul Asiático e do Irã. Seu uso envolve muitos debates políticos, sociais e religiosos que não são abordados nesse projeto.

O niqab é uma peça que cobre o rosto da mulher com uma abertura para os olhos, e é geralmente usado na Península Arábica, Egito, Marrocos, e em alguns países ocidentais.

O chador é uma vestimenta que cobre o corpo da mulher até o joelho, mas deixa o rosto descoberto, e é a vestimenta tradicional no Irã. As cores mais comuns dos tecidos são o preto e azul-marinho. As mulheres fecham o chador em torno do corpo com as mãos.

O hijab é o termo usado para o véu que é usado ao redor da cabeça, e possui diversos modos de ser vestido. O hijab pode ter diferentes nomes para cada estilo.

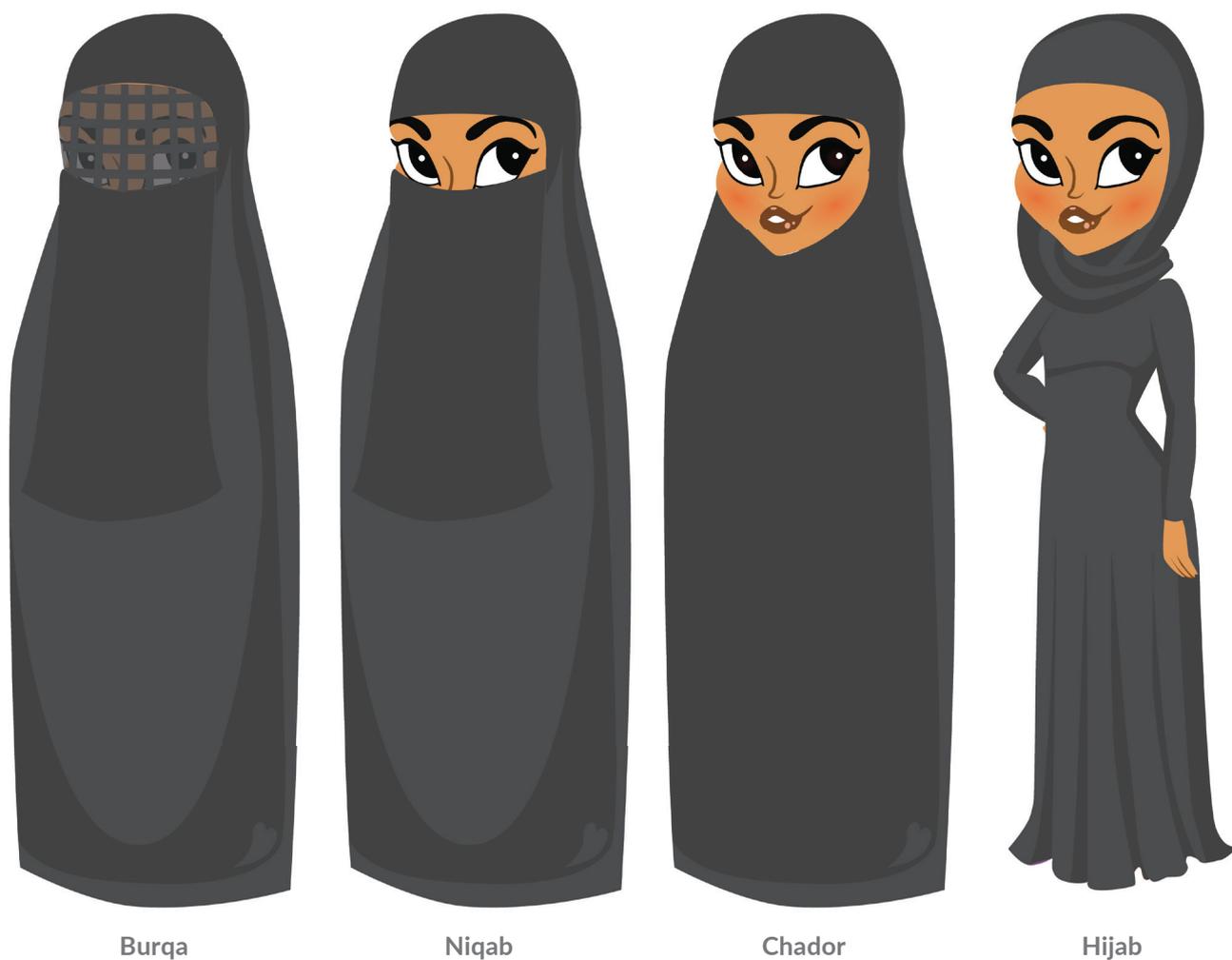


Figura 06 - Os tipos de véu. Imagens da autora, setembro de 2016.

ISLAMIC FASHION

Há eventos dedicados à moda islâmica no mundo todo. Tais como Jakarta Fashion Week (Indonésia), Islamic Fashion Festival (Indonésia), Indonesia Islamic Fashion Fair (Indonésia), The Urban Muslim Woman Show (Reino Unido) e Faith, Fashion, Fusion Exhibition (Austrália).

O primeiro contato com estes eventos deu-se através da leitura da matéria publicada no jornal *O Estado de São Paulo (Estadão)*, intitulada *Hijab Couture*, publicado em abril de 2011. Em buscas na internet, assistiu-se aos desfiles via Youtube e descobriu-se o trabalho de alguns estilistas. Foram feitos diversos contatos por e-mail, mensagens no Facebook e muitas vezes resultaram em tentativas frustradas. A maioria dos estilistas que foram entrevistados fazem parte dos desfiles da Indonésia, como o Jakarta Fashion Week que se destaca no cenário da moda islâmica.

O evento de moda Jakarta Fashion Week ocorre duas vezes ao ano. É realizado na Indonésia, desde 2008, com a participação de 45 estilistas. Tornou-se um dos maiores eventos de moda do sudeste asiático, e é patrocinado pela agência de eventos Azura Activation, que desde 1971 estimula a indústria da moda indonésia em editoriais e eventos.

É, notavelmente, muito abrangente, pois apresenta trabalhos de estilistas hindus, muçulmanos (86,1% da população, aproximadamente 200 milhões de pessoas), budistas e também trabalhos mais voltados ao mundo Ocidental. O Design irreverente e

culturalmente rico atrai cada vez mais atenção do mundo sobre a produção de moda no país, que a cada ano do evento mostra-se inovador, luxuoso e de alto nível para o mercado da moda.

O contato com alguns desses estilistas deu-se principalmente por via internet, com troca de emails. Foi criado um questionário e enviado com sucesso de retorno para três estilistas: Itang Yunasz, Ria Miranda (participantes do Jakarta Fashion Week 2013), e Hanan Mustafa (estilista brasileira de véus). Conheceu-se também o trabalho de outros estilistas, como Dian Pelangi, Nieta Hidayani e Najua Yanti Ramadhan.

Ria Miranda se formou na École Supérieur des Arts et Techniques de la Mode (Jakarta) e passou a trabalhar na empresa dos pais e é uma das principais responsáveis pelas criações das peças. Participou de múltiplos eventos, além do Jakarta Fashion Week, Islamic Fashion Fair, The International Fair of Muslim World em Paris, dentre outros e tem ganhado um importante destaque no cenário de moda islâmica no seu país.

As coleções têm cores mais leves, suaves e delicadas, dando mais feminilidade ao look. Possui uma rede com o total de 13 lojas sendo que uma localiza-se na Malásia. Além disto, comercializa produtos via internet.

Ria Miranda respondeu ao questionário, e falou brevemente sobre as suas coleções.

Cita-se um trecho:

“Minha marca possui roupas largas, fashion, e a maioria constitui-se em vestidos, calças e blusas. Coisas básicas no vestuário feminino, nada provocante. A inspiração pode vir do nada, do ambiente ou até mesmo dos sonhos. Na maioria das vezes eu tento acompanhar as tendências do mundo fashion apenas para enriquecer meu conhecimento e minhas informações. [...] Minha coleção de blusas largas e calças harem foram uma das primeiras a terem maior destaque, entretanto a coleção Minang Heritage é uma das minhas assinaturas também. Eu estou muito orgulhosa por poder mostrar os tecidos tradicionais do oeste de Sumatra.”
(MIRANDA: 2013)



Figura 07 - Ria Miranda. Eva, Fydrych, 14 de novembro, 2012.
Disponível em: http://www.fashionstudiomagazine.com/2012/11/jakarta-fashion-week-2013_14.html
Acesso em 09 de setembro, 2013.

Talvez por esse motivo, o questionário enviado ao senhor Yunasz foi mais completo, porque sua secretária o entrevistou em indonésio e digitou as respostas em inglês. Abaixo segue um trecho da resposta do estilista quando questionado sobre a forma como produz as suas coleções:

“Minha primeira definição de marca Itang Yunasz é mais voltada às tendências do mundo fashion. Mas, segundo o Alcorão, de uma forma mais comportada. Utilizando-se mais de camadas, cores e tecidos confortáveis, a silhueta é mais comprida, com vários tecidos, pantalona, saia com camadas de tecido transparente, dando mais estabilidade às peças. A segunda marca Kamilaa continua com a mesma elegância e de modo comportado mas voltada para as texturas indonésias. [...]” (YUNASZ: 2013)

Itang Yunasz é um designer de moda islâmica indonésio, e ele, assim como outros estilistas mais experientes, produzem coleções com cortes mais clássicos, enquanto os estilistas mais novos, como Dian Pelangi e Ria Miranda, utilizam mais cores e modelos diferenciados.

Hannah Maresfin, secretária do Sr. Yunasz respondeu a mesma pergunta, da seguinte forma:

“Diferentemente de outros designers muçulmanos que adoram o uso de várias camadas de tecido, chiffon ou satin, eu prefiro utilizar algodão na minha coleção assim eu uso apenas uma camada de tecido para o vestido ou a blusa mas cobrindo bem o corpo da mulher. Exceto alguns vestidos eu ainda uso chiffon, cetim e seda. A moda europeia está se tornando minha inspiração, na qual os estilistas criam peças fáceis e confortáveis de se vestir. Como eu amo ciência, eu sempre a uso nas minhas coleções, dando detalhes e cortes únicos nos quais você não encontra em outras coleções de outros estilistas, mas a silhueta eu tento mantê-la a mais simples possível. Para o véu eu nunca crio peças com muitas camadas porque dificulta as clientes para tirá-lo e colocá-lo de novo quando elas precisam purificar-se em locais públicos.” (MARESFIN: 2013)



Figura 08 - Coleção de Itang Yunasz Tabriz no Indonesia Islamic Fashion Fair 2013. Disponível em: <<http://id.clozette.co/u/clozette/daily/iiff-2013-the-legend-itang-yunasz>> Acesso em 10 de julho, 2014.

Hannah também relata a diferença entre um bom hijab e o mau hijab.

A vestimenta islâmica, segundo ela, não pode marcar o corpo, e muitas mulheres usam com roupas que marcam os quadris (jeans justos). O correto é usar um vestido que cubra até a metade do joelho com uma calça, para que o corpo não fique em evidência, ou usar uma abaya por cima das vestes mais justas. Segundo Hannah, existe um debate entre os próprios estilistas islâmicos sobre o que é e o que não é um bom hijab.



Figura 09 - Coleção de Itang Yunasz. Anônimo, 20 de julho, 2010. Disponível em: <<http://www.hijab-scarf.com/2010/07/runway-invasion-itang-yunasz.html>> Acesso em: 09 de setembro, 2013.

“Em relação a vestimenta, existem três tipos de muçulmanas na Indonésia:

1. As que vestem-se normalmente sem usar o hijab;

2. As que começam a vestir-se de acordo com a norma islâmica em aproximadamente, mas ainda estão se adaptando, fogem das regras porque ainda usam calças e camisas apertadas; eu não posso dizer que é o modo islâmico de se vestir, mas ao menos elas cobrem o corpo.

3. As muçulmanas que se vestem de acordo com o Islã em aproximadamente 75%-100%. Elas usam o véu cobrindo o colo, as blusas ou vestidos são largos. Não tem jeito de cobrir 100% o corpo ao menos que você seja muito magra. Porém roupas largas são a melhor maneira para cobrir as curvas do corpo.”(HANNAH: 2013)



Figura 10 - Coleção de Ria Miranda. Eva, Fydrych, 14 de novembro, 2012. Disponível em: <http://www.fashionstudiomagazine.com/2012/11/jakarta-fashion-week-2013_14.html> Acesso em 09 de setembro, 2013.

BAD HIJAB X GOOD HIJAB

O espaço da web oferece também às pessoas um espaço para discussão acerca do uso do véu, sobre o Islã, e dúvidas para recém-convertidos. Basta ler comentários de blogs de moda islâmica, ou mesmo no Facebook, algumas mulheres e homens também opinam sobre o modo correto ou não do hijab. Estão presentes também questões acerca dos limites entre o moderno e o tradicional. Como por exemplo, o uso de leggings. Por marcar o corpo, a peça para algumas pessoas não respeita a filosofia do hijab. As redes sociais também dão espaços para esse julgamentos, que às vezes podem ser bem hostis. Na página da blogueira Imaan Ali, do The Hijab Blog, relata isso em seu perfil do blog:

“While the style presented is that of a veiled Muslim woman who is comfortable with her level of modesty, opinions on what “correct” hijab is (and whether hijab is even a requirement) are many and diverse, and people are bound to disagree with the blogger’s interpretation. Keep in mind, however, that

The Hijablog is first and foremost a style inspiration blog, not a medium for pushing any specific religious agenda.” (ALI:2014)

Deparou-se com essa certa repreensão, na página do facebook do The Hijab Blog:

“Hijab é para mostrar a modéstia das pessoas, não ostentar seus corpos e as imagens delas. É realmente bonito mas você realmente considera isso como hijab? Hijab quer dizer cobrir-se, isso é moda na qual todos vão virar e olhar para você, destruindo o significado do hijab.”



Figura 11 - Captura de tela do The Hijablog, 13 de março de 2014.
Disponível em: <<https://www.facebook.com/TheHijablog/>>.
Acesso em 09 de setembro, 2016.

HIJAB E INTERNET

O espaço da web é um espectador do grande fenômeno que é a moda islâmica mundial. Em Modest Fashion, Reina Lewis traz isso para a discussão, comparando sites, blogs e canais de hijabistas no Youtube.

Basta digitar a palavra hijab no Google e pode-se deparar com inúmeros sites, blogs que abrem espaço para discussão religiosa, orientações às recém-revertidas, dicas de moda e maquiagem, entre outros. Nas páginas de facebook de algumas dessas fashionistas, percebe-se também a participação dos homens em relação à roupas das mulheres. E também, os comentários sobre o que é ou não é certo, se alguma peça é muito apertada ou não cobre propriamente o corpo. Estas são situações as quais as blogueiras e fashionistas também têm de enfrentar ao expõem os seus estilos. O gosto e tendência das pessoas variam entre moderno e tradicional, e as opiniões divergem.

É notável o crescimento do consumo da moda islâmica, tornando-a, ambigualmente, um mercado de moda fashion assim como outros, que recicla-se, reinventa-se e remodela-se ciclicamente, como aponta Reina Lewis.

“In a sector where faith concerns bring bloggers and brands into close proximity and as multiple versions of modesty become the norm online there will be implications for the many manufactures and bloggers and consumers who see their participation in modest fashion as spiritually and socially motivated and fulfilling. Itself an inherently ambiguous concept, once modest fashion is rendered viable as a fashion category it further becomes liable (like all fashion trends) to be endlessly modified, replaced, repositioned, recycled and appropriated. I predict a lively future for commercial and communal articulations or virtual virtue.” (LEWIS: 2013)

Dentre os sites de compra mais famosos de moda islâmica são o The Hijab Shop, do Reino Unido e o The HijUp, da Malásia. The HijUp também possui um canal do Youtube, no qual demonstra diversos modos de fazer o véu.

A americana Yasemin, do site e do canal YaztheSpaz, é um grande sucesso nas redes sociais. Os vídeos de tutorias no Youtube chegam a quase 9 milhões de visualizações. Ela é considerada uma das 40 figuras muçulmanas públicas mais influenciáveis nos Estados Unidos. Na descrição de seu site, Yaz realça a importância da beleza e do bem-estar da mulher:

“ When it comes to hijab, I think it is very important to have a variety of styles we do as women. When we wear our hijabs, we must feel comfortable, beautiful, and CONFIDENT! “ (YAZ: 2012)

Existem algumas Youtubers brasileiras que também fazem vídeos que ensinam como usar o hijab, ou explicam o porquê usam o véu, como as Youtubers Mag Halat e Érica Renata.

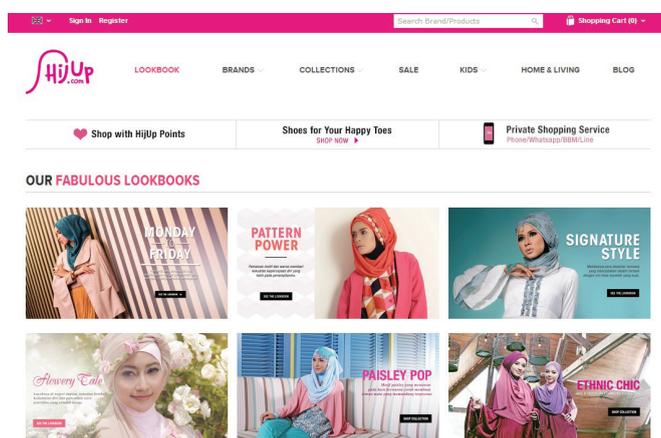


Figura 12 - Site de compras HIJUP. Disponível em: <<https://www.hijup.com/>>. Acesso em 18 de novembro, 2014.



Figura 13 - Canal de YaztheSpaz. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/YazTheSpaz89/videos>>, Acesso em abril, 2016.



Figura 14 - Canal de Mag Halat. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/BrasilianManga>>, Acesso em abril, 2016.

USANDO O VÉU NO BRASIL

O Brasil é um país que apesar da maioria católica, é acolhedor a diferentes grupos étnicos e religiosos. Porém, a decisão de usar o véu no Brasil, assim como em outros países ocidentais, é algo a ser pensado pelas mulheres muçulmanas. Usar o véu as torna visivelmente muçulmanas, sujeitas aos julgamentos dos outros quando estiverem em espaços públicos.

Assim como relatam Gisele Chagas e Solange Mezabarba, da Universidade Federal Fluminense, no artigo *“Beleza oculta? Recato e estilo pessoal nas vestimentas de mulheres muçulmanas no Brasil”*:

“Como nos informou Sara, 35 anos e convertida ao Islã há 10, quando uma muçulmana está usando o véu, para as pessoas na rua que a veem, ela deixa de ser “ela própria para ser identificada como muçulmana e isso exige da mulher uma grande responsabilidade, pois qualquer ato errado que façamos, estamos prejudicando a imagem do islã”, de acordo com suas palavras. Um dos problemas que mulheres muçulmanas que usam o véu costumam enfrentar no Brasil é o estranhamento, que pode ocorrer em vários níveis, desde olhares e perguntas curiosas de pessoas sobre porque elas usam o véu a situações ofensivas, em que são alvos de piadas como “mulher bomba”, “mulher de Bin Laden” ou, ainda, chamadas de “Jade”, numa alusão à personagem da novela O Clone, recentemente reprisada pela TV Globo. “ (CHAGAS e MEZABARBA: 2013.)

O convívio com a comunidade é importante para os muçulmanos, e as comunidades islâmicas no Brasil desempenham um papel nesse sentido, de integração e união. Além da mesquita, as comunidades oferecem centros de reuniões e eventos voltados à muçulmanos e também aos interessados no Islã.

Porém como minorias, não existem mercados próprios para essas pessoas, como por exemplo, a carne halal, não facilmente encontrada por aqui apesar de o país ser um dos maiores exportadores de carne halal do mundo. Isso se estende também ao consumo de moda islâmica.

Muitas mulheres criam hijab e vendem pela internet ou em lojas. Trata-se de confecções locais e com pouca abrangência.

Existem também jovens que compram os produtos fora e revendem aqui no Brasil. É o caso de Fernanda Khouloud, neta de palestinos que decidiu usar o hijab desde a infância.

As estilistas Falastin Zarruk e Hanan Mustafa

demonstram maior conhecimento devido ao fato de terem contato anterior com outras mídias.

Como a confecção ou a revenda desses produtos de moda islâmica são em maioria adquiridos via facebook ou site dos fabricantes, designer e estilistas, e entregues via correspondência, o preço para o envio dependendo dos lugares é elevado.

Esta dificuldade incentiva, de certa forma, produções próprias ou até mesmo oportunidades para negócios.

Rebecca Cisne, uma brasileira convertida ao Islã que se voluntariou para contribuir com a pesquisa, optou criar ela mesma as peças.

Rebecca, que mora em Recife, compra os tecidos e costura suas abayas, para economizar dinheiro. Na entrevista realizada via Facebook, ela mostra à pesquisadora as fotos de suas roupas, com orgulho, e brinca que está ficando sem tempo para fazer suas próprias roupas.

Rebecca foi entrevistada sobre a obrigatoriedade ou não do hijab no Islã.

Relata:

“Não há nebulosidades na religião, Giulia. As irmãs que dizem que o uso do lenço não é obrigatória, estão ignorando um mandamento de Deus. Isso não faz delas nem mais, nem menos muçulmanas. A fé islâmica está em afirmar “Ash-shahadu Anna la ilaha illa Allah, wa ash-shahadu ana Mohamadu rasulu wa adbulu Allah” (Atesto que não há divindade além de Allah (Deus) e que Mohammed foi seu servo e mensageiro) e, junto a isso, acreditar nos anjos, nos profetas, nas escrituras, no dia do juízo e no pré-destino. Isso é o te faz ou não muçulmano. Acreditar nisso! Se tu acreditas nisso, és muçulmana.” (CISNE: 2013.)

Falastin Zarruk, ascendente de palestinos e italianos, usa o véu desde os 15 anos por opção própria, e desenha coleções de hijab e as vende na internet por via de um blog, o FayZ. Zarruk também produz vídeos sobre como usar o hijab de diferentes maneiras.

Sentia dificuldade em comprar roupas islâmicas na sua cidade, Canoas – Rio Grande do Sul, e percebeu que as mulheres da comunidade que frequentava também enfrentavam isso.

Em entrevista ao G1, no curso de moda que fez na Cisjordânia, disse que decidiu criar uma linha de hijabs, com o objetivo inicialmente científico, até que algumas mulheres estavam interessadas em comprar os véus, e ela viu uma oportunidade para montar um negócio.

E, também em entrevista concedida ao Jornal O Estado de São Paulo, diz a designer:

“Se a mulher optou pelo niqab e não foi forçada a isso é porque não se sente diminuída com ele, mas protegida. Já eu uso o hijab porque sou livre.” (ZARRUK: 2011)

Porém, como a pesquisadora segue o seu blog, Falastin encerrou as atividades da sua empresa porque se mudou para os Estados Unidos com o esposo.

Outra estilista, Hanan Mustafa, moça de família cristã convertida ao Islã 9 anos atrás, cria suas próprias linhas e posta vídeos tutoriais no Youtube.

Nascida em Presidente Epitácio, ela mudou-se para Montenegro, Rio Grande do Sul, onde teve contato com a comunidade muçulmana, converteu-se, e após isso acabou conhecendo o esposo sudanês. Desde sua conversão usa o hijab, posta novidades no seu blog, e vende os produtos através da página do facebook, Taynim Moda Islâmica. Ao contatá-la pela primeira vez, Hanan mostrou-se amigável e simpática, e também se mostrou aberta para colaborar com a pesquisa.

Ao ser questionada sobre a importância do hijab na vida dela, diz:

“O hijab é minha identidade, é a minha vida e meu modo de ser, posso viver sem ele, mas com ele vivo muito melhor!” (HANNAH: 2013)



Figura 15 - Coleção de Fay Hejab. Falastin Zarruk, 25 de novembro, 2010. Disponível em: <http://fayhejab.blogspot.com.br/2010_11_01_archive.html>, Acesso em 18 de novembro, 2014.

MUÇULMANAS EM BAURU

Houve dificuldades para encontrar muçulmanas na cidade de Bauru. Em primeiro lugar, contou a inexperiência em relação a pesquisa de campo, e em segundo, a timidez. Consciente de que Bauru tem uma grande comunidade árabe, foi feita busca pela cidade atrás dessas pessoas, descendentes de libaneses principalmente. Por inocência ou pura precipitação, a busca foi iniciada nos restaurantes árabes de Bauru. Em dois destes restaurantes, apesar dos laços familiares com o Líbano, os proprietários são cristãos maronitas.

Em uma ida ao Centro da cidade, por coincidência, em um ônibus estava uma moça usando o hijab. A moça, Nádia, passou seu contato e dias depois recebeu-me em sua casa. Casada com um libanês, dois filhos pequenos, ela explicou que preferia encontros em sua casa por tomar conta dos filhos. Ela, filha de um palestino com uma brasileira muçulmana, mudou-se de uma pequena cidade próxima a Foz do Iguaçu, e para

Bauru com o esposo, por motivos de trabalho.

Nádia revende cosméticos para lojas da cidade e o esposo trabalha em um frigorífico de carne halal. A família não conhece nenhuma outra família muçulmana da cidade, as poucas pessoas que praticam o Islã em Bauru o fazem em casa, pois Bauru não possui uma comunidade islâmica ou uma Mesquita. Ao perguntar se eles frequentam alguma comunidade no interior de São Paulo, disseram que vão uma vez ao ano à Campo Grande, em Mato Grosso do Sul, visitar os parentes e ir à Mesquita.

Ela mostrou as fotos do casamento, usando um lindo véu branco. Nádia começou a usar o hijab tarde, ela disse enquanto ria. Quando casou-se, aos 27 anos, decidiu adotar o hijab. O hijab mais básico, Al amira, com costura pronta. O esposo traz hijabs quando visita a família no Líbano. Diz que não usa o véu com pins porque os filhos pequenos



Figura 16 - Fotos da autora, julho de 2014.

puxam o tecido, e não é muito prático. Ao final de breve visita, cedeu quatro de seus hijabs, todos de estilo simples: um roxo, um marrom, um cinza e um branco com uma touquinha, para se usar com um véu e pins.

A família de Nádia é semelhante à família de Miriam. Porém, ela converteu-se ao Islã. Trabalha em comércio e o esposo é um muçulmano do Rio de Janeiro. Conheci Miriam através da minha busca no Facebook, no grupo de muçulmanas: Muçulmanas e brasileiras; Respeitem o nosso Hijab !!!

Ela, mais reservada, preferiu não encontrar-se pessoalmente com a pesquisadora. Conversamos através de chat. Para ela, não existe moda no Islã. As roupas não devem ser apertadas, transparentes ou com muitas estampas, e sim mais clássicas e reservadas. Ressalta a importância da modéstia, da humildade e do recato no islã, e essas características devem refletir nas vestimentas.

No mundo contemporâneo, as expressões das vestimentas islâmicas se manifestam de diferentes maneiras. A religião islâmica não arremete-se apenas ao Oriente Médio e as sociedades árabes. É uma religião universal e está inserida, mesmo em minorias, em diferentes sociedades e culturas. Essa diversidade cultural influencia muito na maneira em que as mulheres se vestem. Emma Tarlo também presenciou isso no Reino Unido e relatou em uma de suas experiências, com duas mulheres muçulmanas rappers, Sukina e Muneera, ambas de origem Jamaicana.



Figura 17 - Fotos da autora, julho de 2014.

“How muslims dress usually has a lot to do with their cultures. Somali women often wear Somali styles; Arab women wear Arab dress and a lot of Pakistanis wear the shalwar kamiz and stuff. But we are like – Our traditional dress, it’s Primark and Topshop! At the end of the day, we are British. It’s not like we’ve got some traditional Jamaican costume. So it’s not like we’ve got some traditional Jamaican costume. So it’s very different for us. So we are like-OK, this is our traditional clothing, so how are we going to adapt?-keeping that kind of British identity cos at the end of the day I don’t want to be Arab. I’m not foreign!-Sukina.” (TARLO: 2012, pg. 87)

EXPERIÊNCIA NA IRLANDA

Em setembro de 2014 a autora teve oportunidade de ir para Cork, na Irlanda, realizar um intercâmbio pelo programa do Governo Federal, Ciências sem Fronteiras.

Cork é a segunda maior cidade da Irlanda e possui aproximadamente a mesma população de Bauru, entre 200.000 habitantes. A cidade apesar de pequena, é bem cosmopolita e recebe muitos imigrantes e estudantes internacionais. Supreendeu-se pela quantidade de mulheres usando as vestimentas islâmicas na cidade. A presença dos muçulmanos tornou-se comum nas capitais europeias, e esta questão das mulheres usarem as vestimentas islâmicas é debatida na Europa sobre a proibição do niqab (vestimenta que cobre a cabeça e o corpo da mulher deixando os olhos a amostra) ou não. No Brasil, ainda se mantém aberto e defende em Constituição a liberdade de expressão religiosa, as muçulmanas podem tirar fotos de identidade e carteira de habilitação com o véu.

Em Cork houve a oportunidade de ter um contato maior com os muçulmanos da cidade através da sociedade islâmica, CIT Islamic Society, da faculdade na qual a pesquisadora estudou, Cork Institute of Technology. A organizadora da sociedade, Sarah, foi convidada para que uma conversa sobre a experiência dela como muçulmana que escolheu o uso do véu.

Sarah, filha de um imigrante egípcio e uma irlandesa convertida ao Islã, relatou que as pessoas associam o muçulmano como algo externo, estrangeiro, e que as pessoas demonstram-se surpresas quando descobrem que ela nasceu na Irlanda dentro de berço islâmico e que isso não a faz menos ou mais irlandesa.

Ela também relatou comentários preconceituosos que ouve de vez em quando ao andar nas ruas. Ameaças tais como “volte para o seu país” ou “terrorista” são as mais extremas. Ela disse que hoje ignora os comentários e não os leva para o lado pessoal. Para ela, manter a calma e a paciência são preceitos de sua religião. Além disso, ao usar o véu, ela acredita que as suas ações determinam como as pessoas julgam não somente a ela mas a todos os muçulmanos. Sarah diz policiar a sua postura para dar um bom exemplo para a religião islâmica.

Essa relação entre ser muçulmano e ser

estrangeiro é interessantemente colocada por Érica Paiva, professora e Youtuber brasileira convertida ao Islã, em um de seus vídeos do canal Professora Érica Renata, em março de 2016.:

“A maioria das pessoas infelizmente confunde o fato de ser muçulmano com ser um estrangeiro. Tanto que a primeira pergunta que me fazem na primeira oportunidade é: -você é de lá?-de lá aonde? É claro que as pessoas estão fazendo aí uma relação com ser muçulmano com ser árabe ou ser do Oriente Médio. E ser muçulmano não ter nada a ver com ser de um país específico mas haver com uma escolha religiosa.”(PAIVA: 2016)

Essa mesma indagação foi posta em um outro canal da muçulmana Mag Halat no canal Mag Halat:

“[...] esteriótipo é de que todos muçulmanos são árabes e de que todos os árabes são muçulmanos, o que não é verdade. Existem muitos brasileiros convertidos aqui no Brasil atualmente e as pessoas confundem muito e as pessoas falam: “Mas nossa, você veio de lá?” De lá aonde? [...] qualquer nacionalidade vai ter muçulmano. Islã já é a maior religião do mundo e a que mais cresce.”(HALAT: 2016)

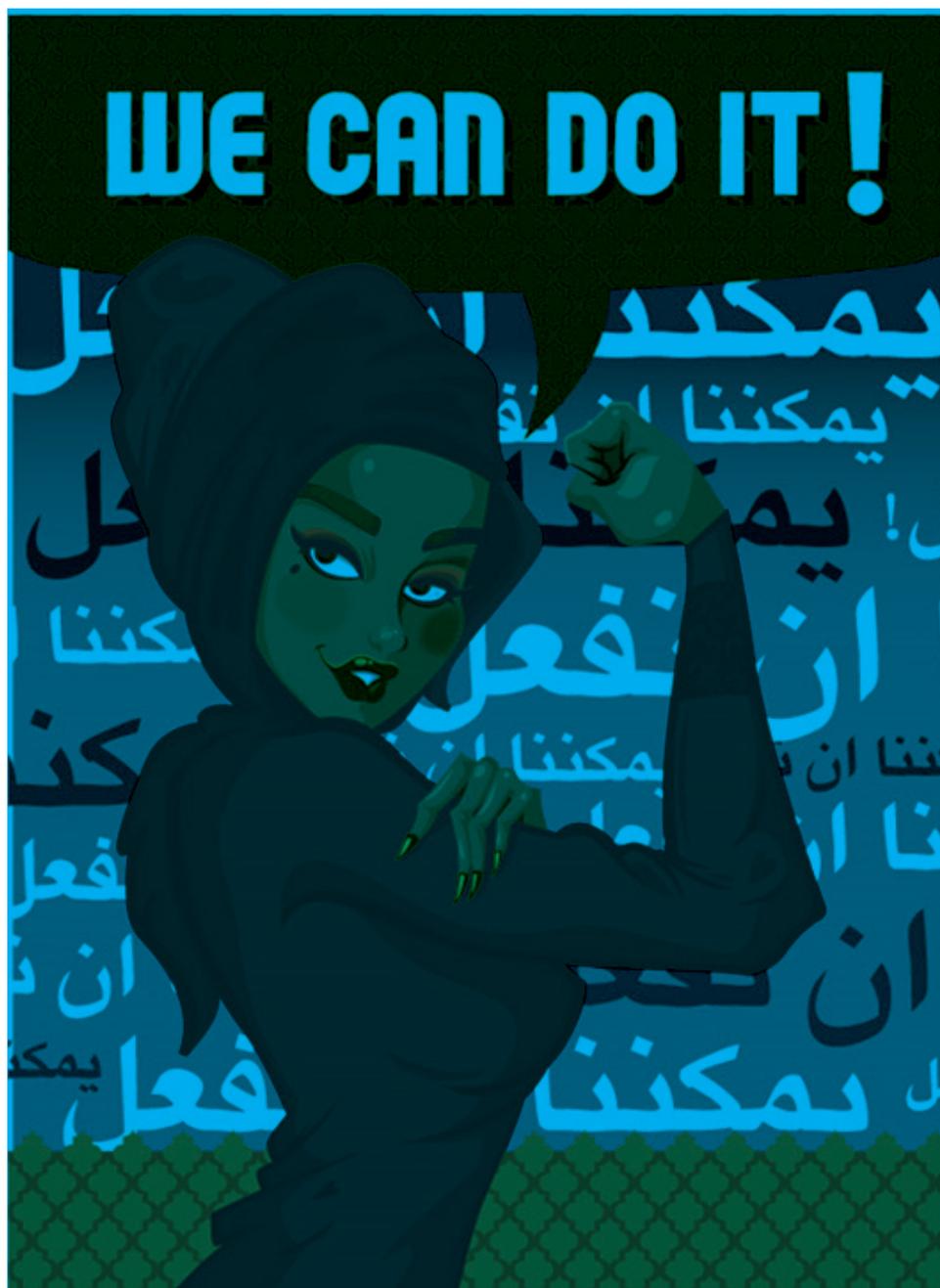


Figura 18 - We Can Do It, cortesia de MissChatZ, 29 de março, 2013. Disponível em:
<http://www.behance.net/gallery/We-Can-Do-It-/7868609>
Acesso em: 29 de setembro, 2013.

O Islã é uma religião mundial inserida em diversos contextos sociais, culturais e políticos.

Acredita-se que pré-conceitos podem ser quebrados se o conhecimento for passado de forma ética e interativa que desperte nas pessoas interesse sobre o Islã e as muçulmanas.

O jogo HijabUp tem como objetivo demonstrar de forma descontraída as maneiras que o hijab e as vestimentas islâmicas são usadas em diferentes regiões do mundo de modo que os usuários possam criar combinações diferentes.

O hijab é uma escolha da mulher e deve ser respeitada. O jogo é uma forma de conscientizar as pessoas de que o uso do hijab é normal e contemporâneo.

Conforme a pesquisa realizada, decidiu-se dividir os estilos em cinco grupos: os continentes ocidentais (América e Europa), Sul Asiático (focando nos trajes do Afeganistão, Paquistão e Bangladesh com grande maioria populacional islâmica), Sudeste Asiático (com foco nos trajes usados na Indonésia e Malásia), África (com foco nos trajes usados na Nigéria) e Oriente Médio.

Foram criadas cinco bonecas correspondentes a localização geográfica em quais serão representadas. Procurou-se traços característicos e identitários das pessoas dos países em que foram pesquisados para representar as bonecas.

Nota-se que o objetivo do jogo não é julgar o modo “correto” ou “incorreto” de como o hijab deve ser usado.

REFERÊNCIAS

Foram usados como inspiração para o jogo os trabalhos da designer MissChatZ, de Dubai.

MissChatZ é uma designer que cria vários personagens femininos usando o véu. Ela retrata mulheres do Oriente Médio usando longas abayas no cotidiano, de modo descontraído e alegre.

O estilo dela, jovial e colorido inspirou a autora para desenvolver as personagens.

Outro estilo que serviu como referência foram as bonecas Bratz da MGA Entertainment. As bonecas Bratz fizeram parte da infância da pesquisadora e o estilo do desenho das bonecas também influenciou o estilo das personagens do jogo.



Figura 19 - Lolita Coffe Break. Disponível em: <<http://miss-chatz.com/lolita-coffee-break>> Acesso em: 29 de agosto, 2015.



Figura 20 - Bratz. Disponível em: <<http://www.bratz.com/>> Acesso em: Agosto, 2015.

ANÁLISE DE SIMILARES

Não existem muitos jogos de dress up de hijab que demonstrem as diferenças das vestimentas ao redor do mundo.

Basta procurar “hijab dress up” e deparar-se com inúmeros jogos de fotomontagem, nos quais o jogador tira uma foto e coloca o seu rosto vestindo algum hijab.

Foi também usado como referência o jogo Hijab Dress Up, do estúdio the Wali Games na Indonésia, no qual o jogador veste a boneca com roupas em tons bem suaves e femininos.

Existem também vários jogos de maquiar uma boneca usando o hijab, que possibilitam trocar as cores do véu, como Hijab Make Up Salon.

Procurou-se também referências de jogos dress up comuns, nos quais possibilitam diversas combinações de roupas e salvar essa combinação no celular. Um deles é o Selfie Girl desenvolvido pelo Tati Ferroigno Studio. No jogo Selfie Girl, o jogador escolhe as roupas que quiser e consegue salvar o look final.



Figura 21 - Jogo Hijab Make up Salon,
Acesso em: Agosto, 2015.



Figura 22 - Jogo Hijab Dress Up,
Acesso em: Agosto, 2015.



Figura 23 - Jogo Selfie Girl,
Acesso em: Agosto, 2015.

CONCEPT ART: SUL ASIÁTICO

Através de desenhos conceituais e após o estudo de cor e estilo, iniciou-se o estudo das personagens. As cinco personagens representam cinco diferentes regiões do mundo. Foram considerados características culturais e sociais em comum entre os países escolhidos. Primeiramente, foram desenvolvidos estudos das formas de todas as bonecas, e após processo de vetorização, as roupas foram desenhadas.

Procurou-se representar as personagens de modo descontraído e jovial.

SUL ASIÁTICO

O Sul Asiático compõe-se em: Afeganistão, Bangladesh, Butão, Índia, Nepal, Maldivas, Paquistão e Sri Lanka. Foi levado em consideração o número de muçulmanos em cada um desses países. Escolheu-se a partir disso, os países com maior número de muçulmanos para que fosse estudado o estilo de roupas usados pelas mulheres dos respectivos países. Afeganistão (29 milhões de muçulmanos), Bangladesh (150 milhões), Índia (172 milhões) e Paquistão(178 milhões).

O Sul Asiático é uma das regiões mais populosas do planeta. Encontrou-se dificuldade em representar com apenas uma boneca toda uma região com mais de 1.5 bilhões de habitantes. No Afeganistão, Paquistão Índia e Bangladesh encontram-se um imenso leque de etnias e costumes diferentes. buscou-se diversas fotos de mulheres afegãs, bengalesas, paquistanesas e

indianas e eles possuem etnias muito diferentes entre si. Dentro do Afeganistão, por exemplo, existem grandes diferenças étnicas entre as províncias. Quanto mais pesquisava, mais informações e curiosidades a autora encontrava e ficava cada vez mais indecisa em como fazer essa personagem.

Inicialmente foram feitos sketches de uma boneca baseada no povo de etnia Pashtun, de grande maioria no Afeganistão e algumas áreas no Paquistão. Alguns possuem a pele mais clara e olhos claros, como Sharbat Gula, mulher pashto que tornou-se mundialmente conhecida após a foto de capa da National Geographic em 1984, tirada por Steve McCurry de uma menina refugiada vítima de um conflito político entre Afeganistão e União Soviética.

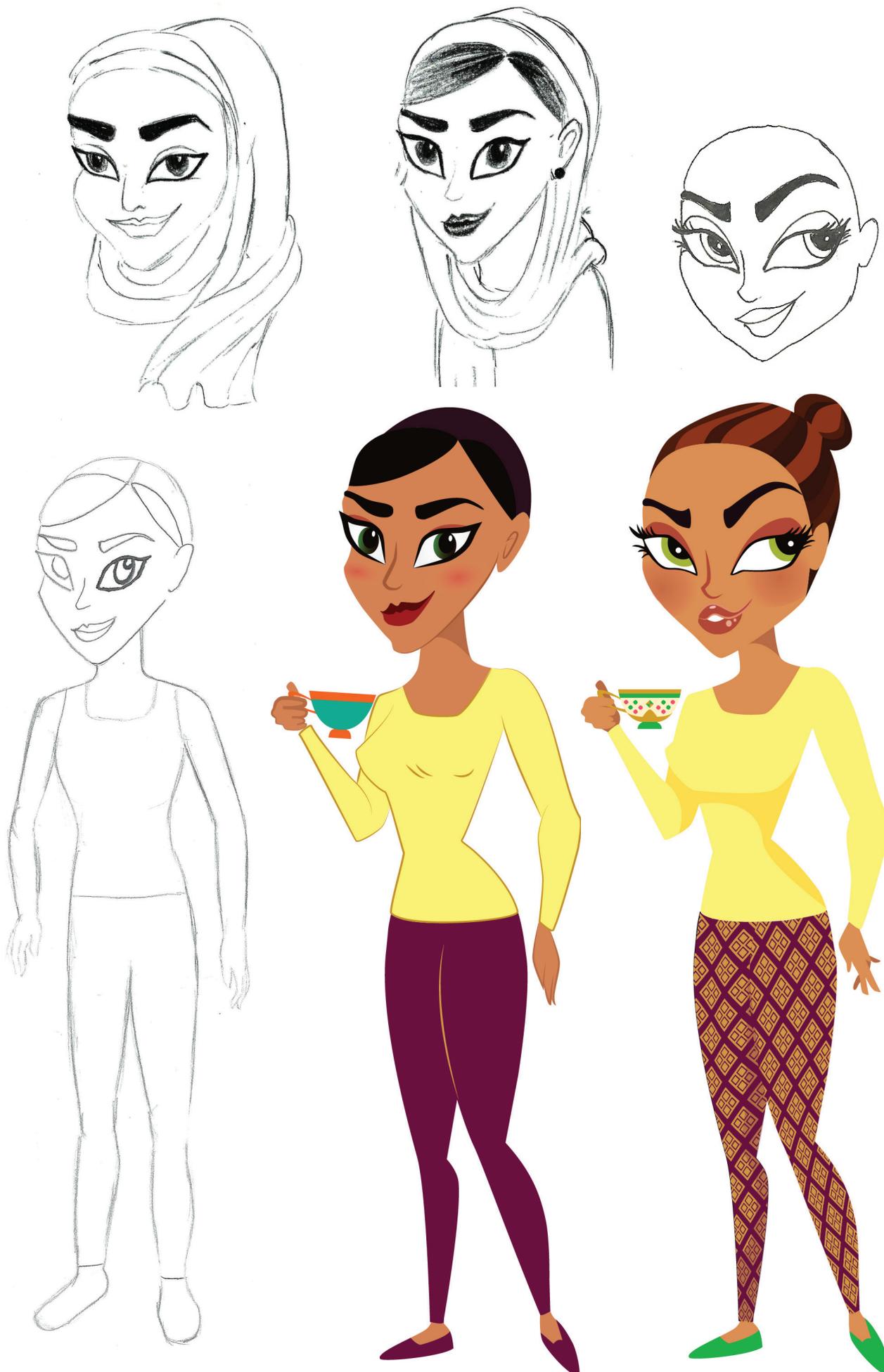


Figura 24- Primeiros sketches da personagem. Imagens da autora, Setembro de 2015

Não satisfazendo-se com a boneca que havia feito, a autora procurou traços indianos e bengaleses que são em maioria populacional na região e decidiu fazer uma boneca de origem bengalesa. Em Bangladesh existem diversas etnias e a maior delas em população é a etnia Bengali.

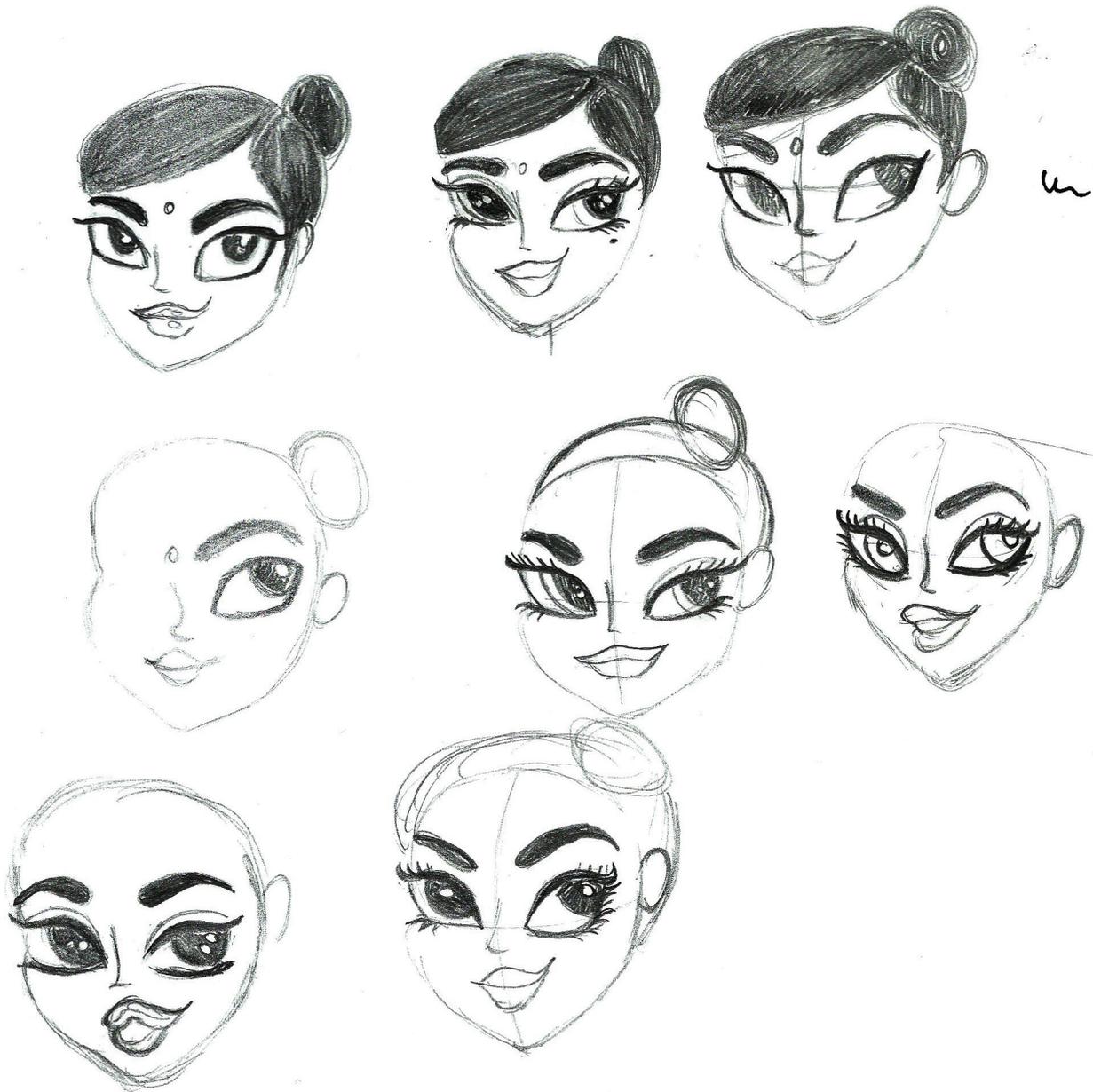
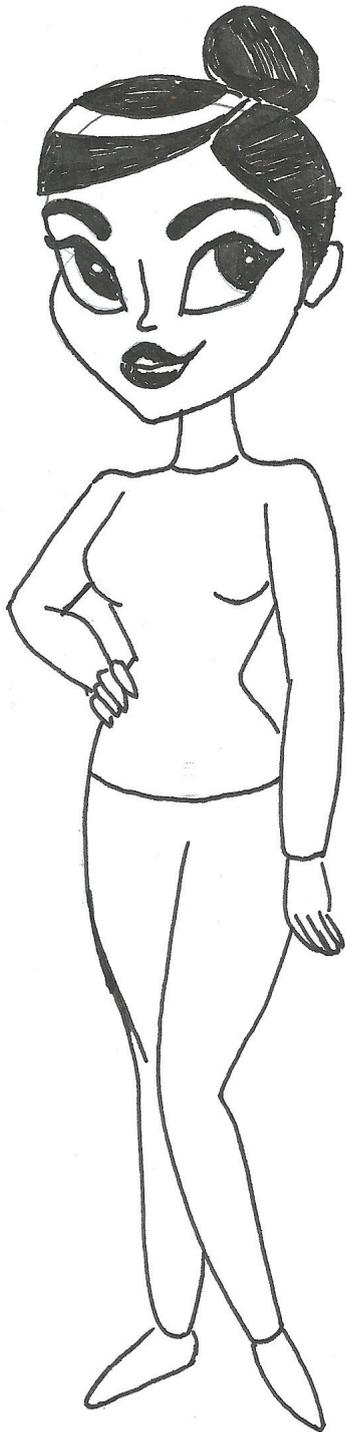
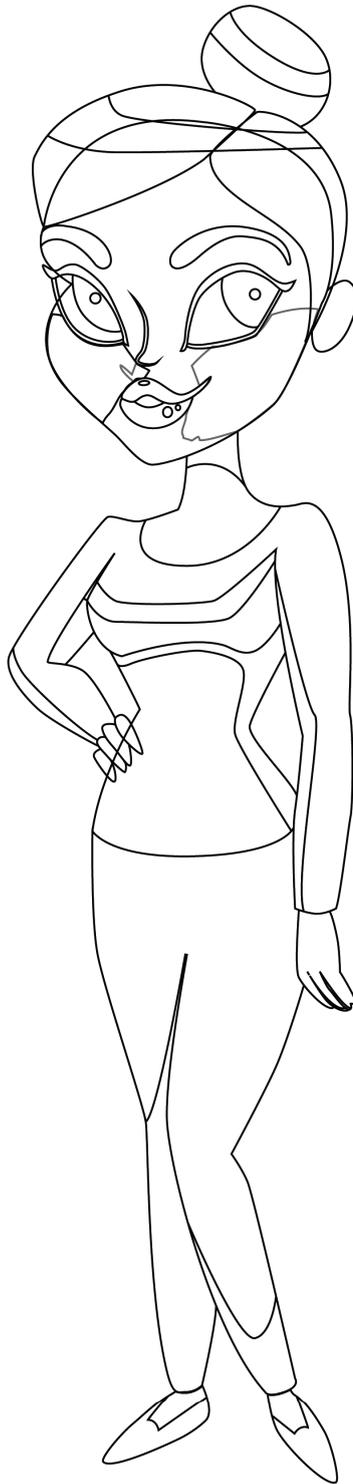


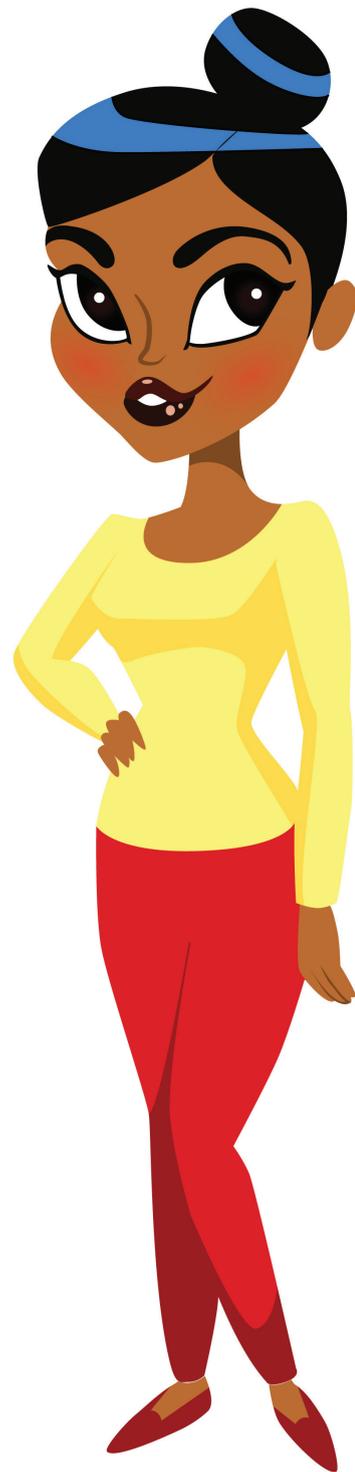
Figura 25 - Primeiros sketches da personagem. Imagens da autora, Setembro de 2015



Sketch final



Versão vetorizada



Versão final

Figura 26 - Processo de vetorização da boneca. Imagens da autora, Setembro de 2015

ROUPAS

As diferenças políticas, culturais e sociais destes países são grandes porém o modo de como as mulheres se vestem possuem traços em comum. No Sul da Ásia, muitas mulheres usam uma vestimenta conhecido como Salwar Kameez.

Salwar Kameez é um termo genérico de vestimenta do sul asiático que se apresenta em diversos estilos tanto para homens como para mulheres e é usado por diferentes grupos étnico-religiosos. Ele é o conjunto de uma túnica longa, calças largas e um tecido longo por cima dos ombros ou ao redor do corpo.

Muitas muçulmanas em Bangladesh usam o Salwar Kameez no dia-a-dia com o véu e muitas também usam-no sem o véu. Em Bangladesh o uso do véu pelas mulheres é considerado recente. Desde a década de 90 cada vez mais mulheres bengalesas adeptam ao uso do véu.

Obteve-se contato com uma bengalesa muçulmana que a autora conheceu na Irlanda, Rezwana, e ela relatou um pouco dos diferentes modos de como as mulheres se vestem por lá. Rezwana é muçulmana, não usa o véu e também não veste-se com roupas islâmicas. Em Bangladesh, o uso do hijab é tido como uma escolha e visto mais como uma tendência fashion.



Figura 27 - Salwar Kameez. Disponível em: <<http://www.snapdeal.com/product/vandvshop-cotton-embroidered-dress-material/837966587>> Acesso em: 23 de abril, 2015.



Figura 28 - Sare ou shari. Disponível em: <<http://www.sareespalace.com/charming-yellow-net-saree>> Acesso em: 23 de abril, 2015.

“Having been born and raised in a Muslim family, I have been taught the Islamic rules from an early stage of my life. Though according to the Muslim rules, women are to cover their body and head, this is not practiced strictly in Bangladesh. There is no obligation regarding the clothing, however as part of both the Bengali and Muslim culture, women are to be dressed modestly. I have always seen my mother and aunts wearing “shari”, which is a traditional Bengali dress, a long piece of cloth wrapped around the body and to be worn with a blouse. They cover their head loosely with the end of the sari when they go outside or go in front of men. The most common dress among the young women is “Salwar and kamiz”, a long top worn with loose trouser and a scarf. I have grown up seeing women mostly dressed up in either saris or salwar kamiz. A few women were seen wearing “Borqa” mostly in rural areas when they were outside of their home.” (REZWANA, maio de 2016)

Figura 29 - Firaq Partug.
Disponível em:
<<http://www.afgclassics.com/>>
Acesso em: 14 de maio, 2016.



No Paquistão e no Afeganistão, as mulheres também usam o Salwar kameez no dia-a-dia acompanhado do véu. Em ambos os países as mulheres usam o véu de forma que deixe a mostra parte do cabelo como o manteau no Irã ou o hijab “clássico”.

No Paquistão não existem leis que obrigam o uso do hijab, o véu é tomado como um costume social e cultural, e muitas mulheres usam roupas ocidentais ou o Salwar kameez acompanhado da dupatta, que é um longo tecido que é usado de diversas maneiras seja cobrindo a cabeça ou sobre os ombros. Essa diversidade é percebida nas cidades grandes, enquanto em áreas rurais (principalmente na região nordeste do país), mulheres usam a burqa.

Mulheres afegãs, até a metade do século XX, usavam roupas ocidentais e tinham grande participação na política, sendo que 50% do governo era composto por mulheres. Porém, após o conflito com a antiga União Soviética e o domínio

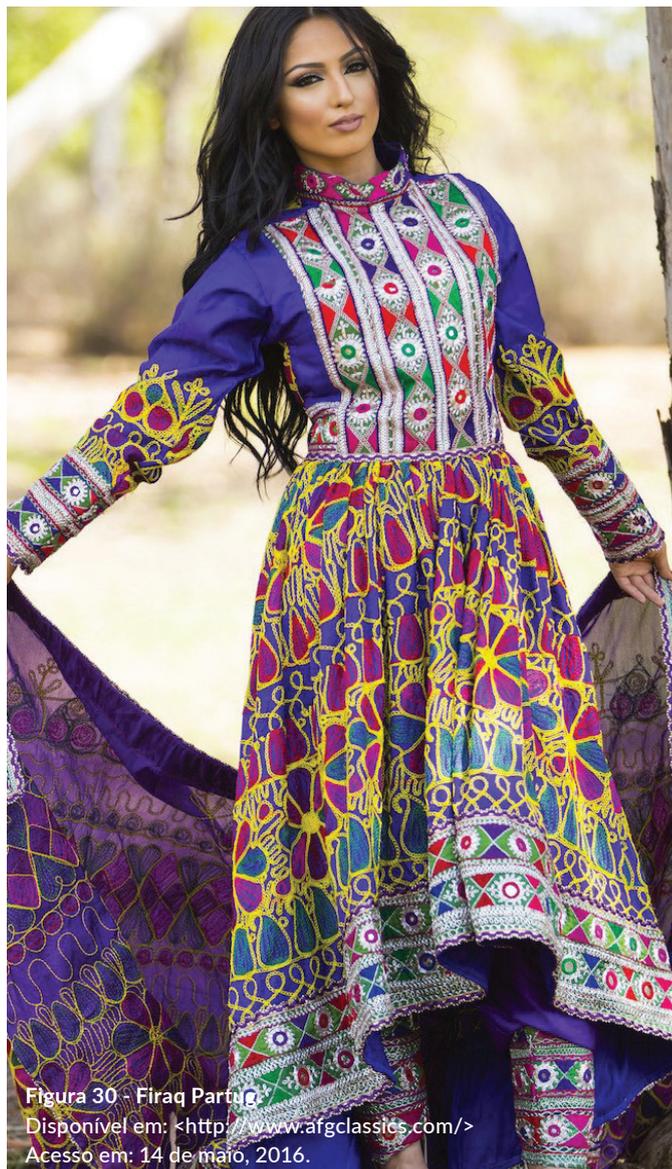


Figura 30 - Firaq Partug.
Disponível em: <<http://www.afgclassics.com/>>
Acesso em: 14 de maio, 2016.



Figura 31 - Firaq Partug.
Disponível em: <<http://www.afgclassics.com/>>
Acesso em: 14 de maio, 2016.

do Talibã no país, as mulheres ficaram incumbidas do trabalho doméstico e excluídas da participação política. Com a queda do Talibã no poder em 2001, mulheres retomam aos poucos a carreira política, militar e civil na sociedade.

Contudo, mulheres ainda são segregadas dos espaços públicos, e muitas ainda usam a burqa. A burqa tornou-se um costume mesmo após a queda do Talibã. Os trajes típicos afegãos foram perdidos e atualmente afegãos-americanos tentam buscar as tradições, como a marca AfgClassics, que vende roupas tradicionais afegãs.

Para a personagem, procurou-se também resgatar esses vestidos tradicionais, e valorizar a cultura afegã. Firaq Partug é o nome desses vestidos tradicionais afegãos.

As roupas foram desenhadas em papel vegetal sobre o desenho da boneca finalizado. Depois dessa etapa, foram vetorizadas e finalizadas no Illustrator. O conjunto de roupas constitui-se em: três véus estilo dupatta; dois vestidos shalwar kameez, duas calças, três sapatos, um vestido tradicional afegão e um vestido de noiva tradicional de Bangladesh.

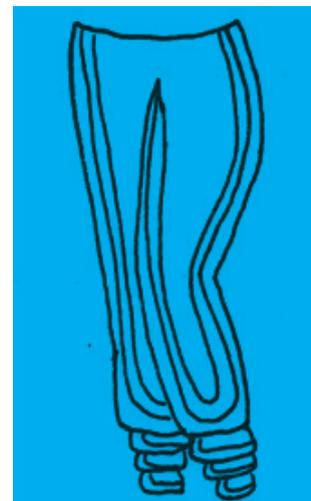
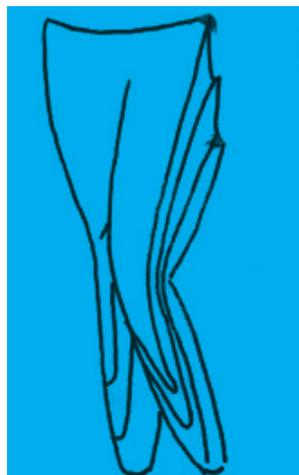
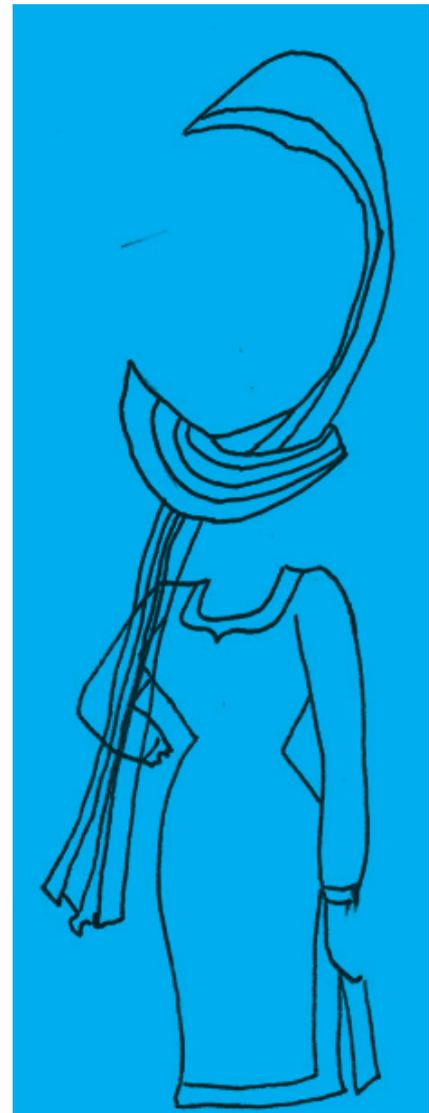
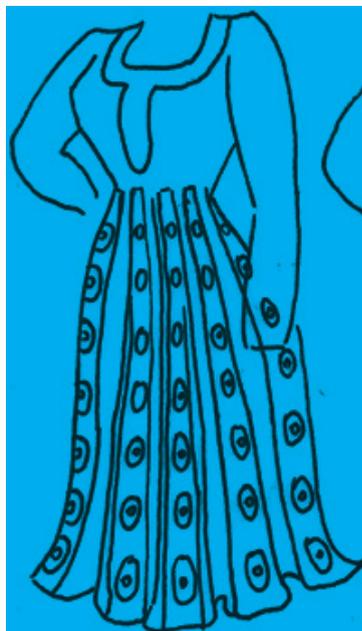
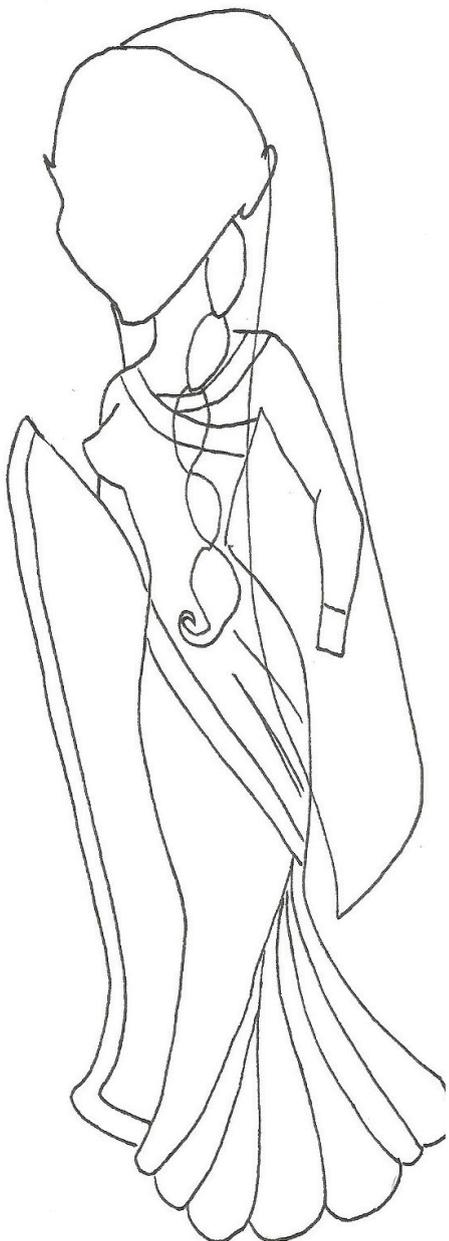


Figura 32 - Sketches das roupas feitas a lápis.
Imagens da autora, Novembro de 2015



Figura 33 - Roupas vetorizadas e coloridas.
Imagens da autora, Janeiro de 2016



Figura 34 - Boneca com roupas
Imagens da autora, Janeiro de 2016

CONCEPT ART: ORIENTE MÉDIO

O Oriente Médio, é uma região geográfica composta por Egito, Irã, Turquia, Iraque, Arábia Saudita, Yemen, Síria, Emirados Árabes Unidos, Israel, Jordânia, Palestina, Líbano, Omã, Kuwait, Catar e Bahrein. O código de vestimenta islâmica é obrigatório por lei na Arábia Saudita e no Irã. Todos estes países possuem diversas minorias étnico-religiosas que refletem-se no modo das pessoas vestirem-se e nas práticas religiosas e culturais.

O Islã no Irã é diferente da maioria dos outros países muçulmanos. Primeiramente, pela cultura e língua, o farsi, os iranianos possuem costumes diferentes dos árabes. A religião oficial do Irã é o Islã xiita e é seguida por cerca de 93,6% da população. Os muçulmanos sunitas que são maioria no Oriente Médio e no mundo inteiro, são apenas cerca de 6,3% da população no Irã.

O uso do véu é repensado também pelas iranianas. No Irã, o uso do véu é obrigatório por lei.

Segundo o blog Chá de Lima da Pérsia, o chador é um traje persa antigo, cujo uso é documentado desde o século XVIII, e se popularizou no Irã na época da Dinastia Qājār. O monarca Reza Shah proibiu o seu uso em 1936, em meio ao processo de ocidentalização forçada do país. Com a Revolução Islâmica de 1979, o chador foi encorajado pelas autoridades xiitas, por ser uma vestimenta tradicional que se enquadra nas recomendações da doutrina islâmica ortodoxa, apesar de não ser usado apenas pelas muçulmanas, mas também por mulheres de outras comunidades religiosas iranianas, como as zoroastrianas. Sua

cor mais comum é o negro, mas ele pode ser confeccionado em outras tonalidades inclusive com estampas.

Janaina Elias, do blog Chá-de-Lima da Pérsia, demonstra também as diferenças entre burqa iraniana, da burqa usada pelas mulheres no Afeganistão. O véu iraniano assemelha-se a uma adaptação do chador, porém com uma adaptação, um acessório chamado borgh, uma espécie de máscara que cobre o rosto.

Na Península Arábica, existe outra variação, uma espécie de burqa, porém com uma máscara dourada. Essa máscara não é usada mais pelas gerações mais jovens, porém ainda é utilizada por senhoras mais velhas em zonas rurais.

Apesar da obrigação de cobrir-se, as iranianas adaptaram o seu modo de usar o véu. O manteau é utilizado pelas mais jovens, usados no a dia-a-dia, com muito estilo e quebrando as regras.

O estilo dos jovens iranianos é retratado de forma despojada no blog de moda The Tehran Times.

Arshia Maljaie, um estudante de cinema, da Universidade de Tehran, disponibilizou à pesquisadora fotos particulares de seus amigos, que retratam o estilo despojado das iranianas.

E também o blog TehranTimes, que fotografa o estilo dos jovens iranianos.

Em outros países islâmicos, tais como a Turquia, Síria e Tunísia, tomaram, no passado, medidas para influenciar as mulheres a não usar o véu em espaços públicos. Apenas recentemente, a Turquia liberou o uso do véu para os funcionários públicos, e a Tunísia liberou o uso do véu após a Primavera Árabe.

Foi feito contato com uma moça chamada Meriam Ghariani, que mora em Túnis, e ela relatou um pouco sobre como era a vida pré Primavera Árabe. A mulher não podia usar em espaços públicos e certas empresas também o proibiam em ambiente de trabalho. Corria-se o risco de ser demitido e até preso caso não respeita-se tais leis. Ela relatou também como a sua vida melhorou em relação a liberdade do uso do véu.



Figura 35 - Arquivo pessoal de Meriam Ghariani, 2013.



Figura 36 - Manteau Iraniano.
Disponível em: <http://thetehrantimes.com/>
Acesso em: 4 de setembro, 2016.



Figura 37 - Arquivo pessoal de Arshia Maljaie, 2013.



Figura 38 - Manteau Iraniano. Disponível em: <<http://thetehrantimes.com/>>. Acesso em: 4 de setembro, 2016.

BONECA

A boneca dessa região foi desenhada com cabelos e sobrancelhas castanhas típicas da região. Os sketches foram feitos primeiramente a lápis, contornados com caneta nanquin, escaneados e vetorizados.

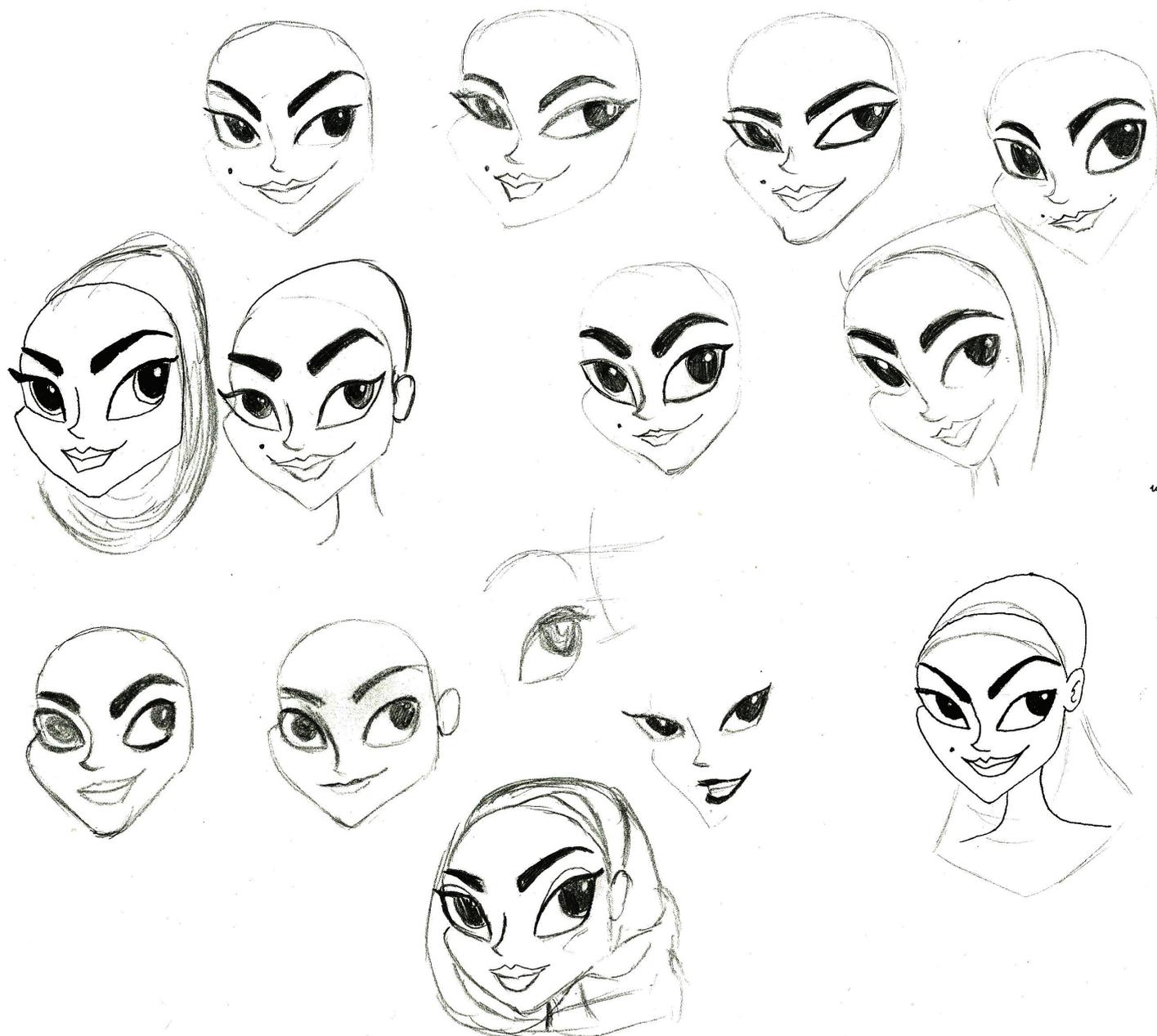


Figura 39 - Primeiros sketches da personagem.
Imagens da autora, Setembro de 2015



Figura 40 - Processo de vetorização da boneca. Imagens da autora, Setembro de 2015.

Após definir as formas da personagem, partiu-se para a criação das roupas.

A forma da boneca foi impressa e em seguida foram desenhadas as roupas por cima do contorno da boneca em papel vegetal. Após isso as roupas foram vetorizadas.

Foram criados um hijab turco, dois hijabs clássicos, e o manto, como é usado no Irã, em duas cores.

O conjunto de roupas criado possui: três peças de blusa, duas calças, duas abayas e três sapatos.

Na Turquia, não existe a obrigatoriedade do uso do hijab, porém o uso é muito comum pelas mulheres. As turcas têm o jeito próprio de amarrarem o véu em torno da cabeça, no qual é dado uma volta com o véu em torno do pescoço.

O hijab clássico é um longo pano retangular no qual é envolto ao redor da cabeça e preso com um alfinete. Possui diversas variações de como amarrá-lo e finaliza-lo ao redor da cabeça.

Na Arábia Saudita, o uso do véu é obrigatório. As mulheres geralmente usam o niqab, e as cores geralmente são escuras. As mulheres também usam véus com abayas, que são vestidos longos e largos.

As abayas são muito usadas no Oriente médio, mas também usadas nos países ocidentais.

Na Arábia Saudita e Emirados Árabes, as mulheres geralmente usam abayas em cores escuras. Porém encontra-se também abayas coloridas e com estampas usadas por algumas mulheres.

As roupas foram desenhadas em papel vegetal por cima do desenho finalizado da boneca, em seguida, vetorizadas e finalizadas no Illustrator.



Figura 41 - Desenho de hijab e abaya. Imagens da autora, Setembro de 2015

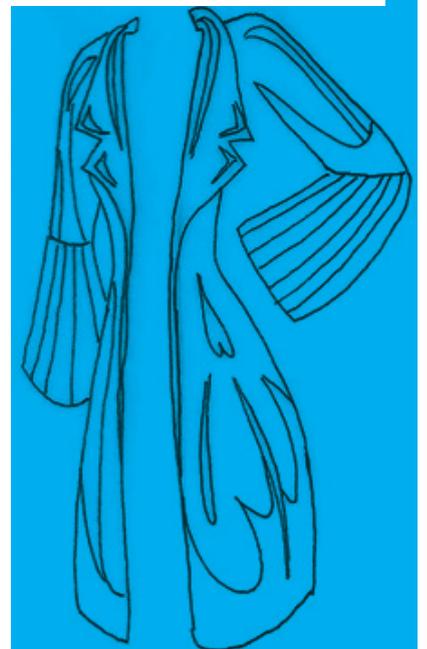
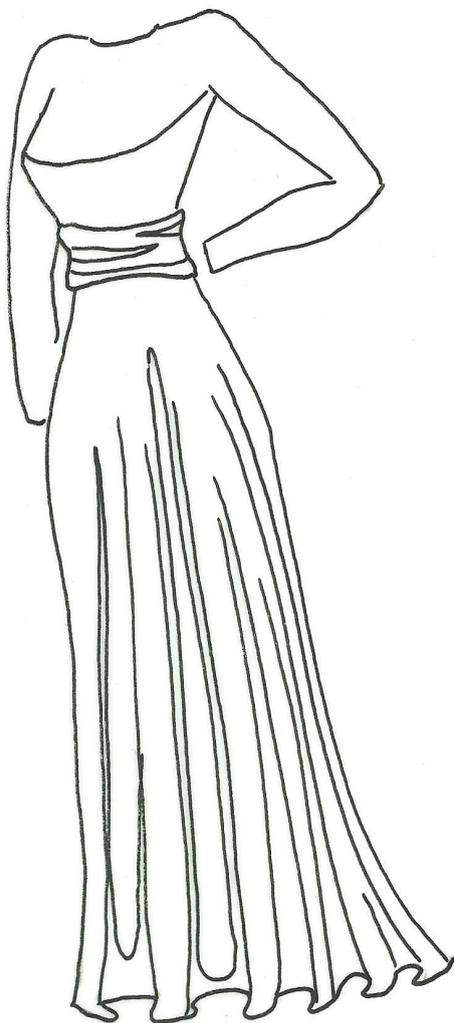
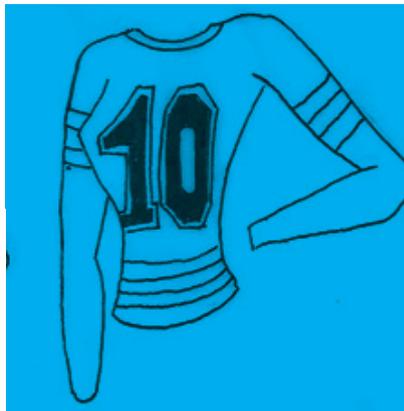
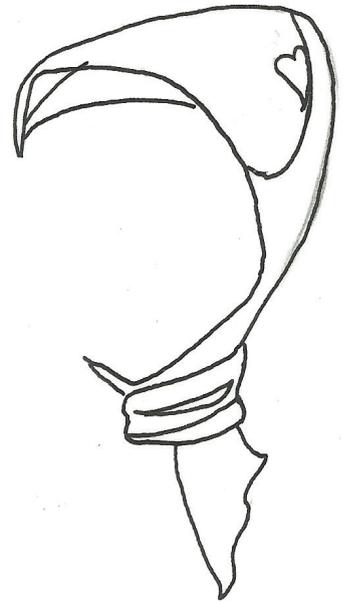
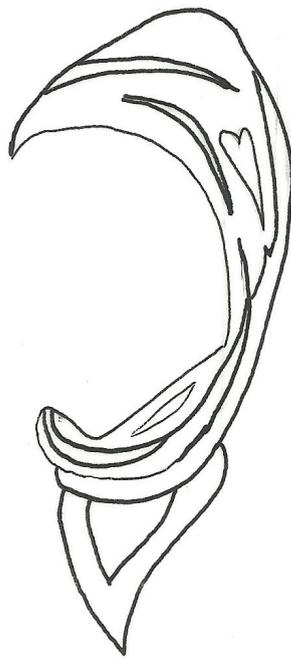
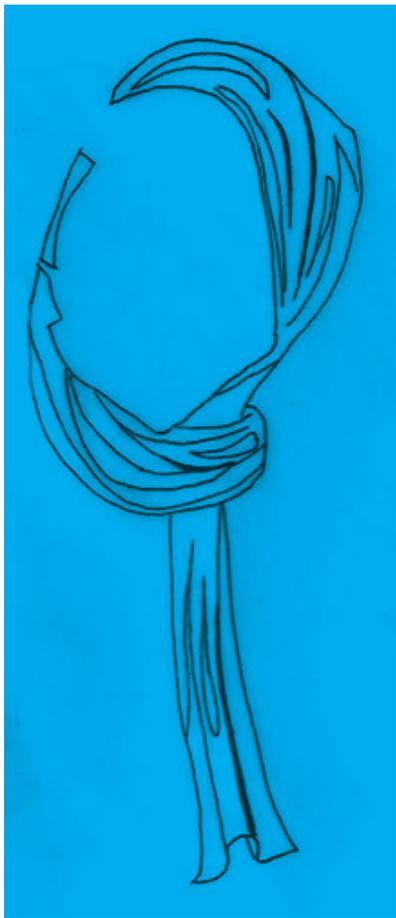


Figura 42 - Sketches das roupas feitas a lápis. Imagens da autora, Novembro de 2015

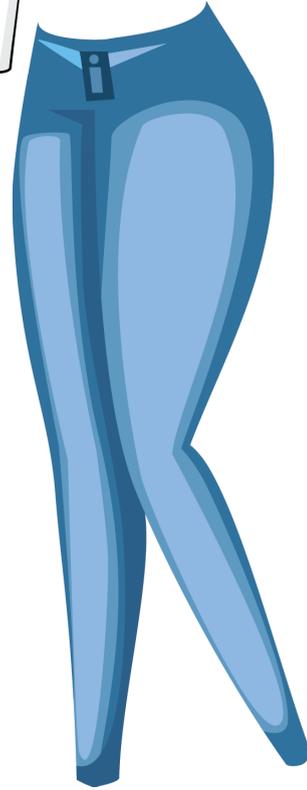




Figura 43 - Roupas vetorizadas e coloridas.
Imagens da autora, Janeiro de 2016



Figura 44 - Boneca com roupas
Imagens da autora, Janeiro de 2016

CONCEPT ART: SUDESTE ASIÁTICO

O Sudeste Asiático é composto por Brunei, Camboja, Filipinas, Indonésia, Laos, Malásia, Myanmar, Singapura, Tailândia, Timor-Leste e Vietna. Brunei, Indonésia e Malásia tem maioria populacional muçulmana.

O Islã chegou na Indonésia e na Malásia por volta do século 8 e 9 através do comércio marítimo com os árabes e indianos muçulmanos.(GEERTZ) Na Indonésia, a maioria populacional é sunita e segue a vertente sunita Shafi'i. Na Indonésia a organização política é a república, e a organização malaia é uma monarquia constitucional.

Na Indonésia e na Malásia, existe um mercado fashion muçulmano altamente lucrativo que gera aproximadamente U\$ 1.5 bilhões anualmente, e que tem se tornado referência no mundo. As mulheres se vestem com roupas muito coloridas, delicadas e com muitas estampas.

Dian Pelangi, designer de moda indonésia, em entrevista ao The Jakarta Post, acredita que através da moda consiga mudar as percepções do Ocidente em relação aos muçulmanos e ao Islã.

"I think that if Islamic fashion can gain traction in America, it will change people's perceptions of Islam and Islamic fashion. Just like what happened in Indonesia. In the past, here in Indonesia hijab was rare but since Islamic fashion has become prevalent everywhere and there is a hijabers' community, that has changed people's perceptions of Islamic fashion and Islam. I hope the same change will happen in the USA someday."(PELANGI:2015)



Figura 45 - Casamento da princesa Hajah Hafizah, de Brunei
Disponível em:
<<http://www.n-tv.de/panorama/Bruneis-Prinzessin-heiratet-article7293761.html>>
Acesso em: 14 de maio, 2016.



Figura 46 - Hijab Terung, coleção de Ria Miranda,
Disponível em:
<<https://www.hijup.com/>>
Acesso em: 25 de outubro, 2015.



Figura 47 -Dian Pelangi Pastel, coleção de Dian Pelangi,
Disponível em:
<<http://dpbydian.blogspot.com.br/>>
Acesso em: 22 de outubro, 2015.



Figura 48 -Vestido de noiva indonésio, coleção de Dian Pelangi.
Disponível em: <<http://dianpelangi.com/product/dp-bride-13/>>
Acesso em: 31 de maio, 2016.

BONECA

A personagem que representa essa região, foi criada baseando-se nas modelos, nos estilos e roupas de grandes designers indonésios e malaios, como Dian Pelangi e Ria Miranda. Cores claras, delicadas, tecidos leves, os modelos de hijab foram desenhados baseado nos looks usados pelas indonésias. Também foi desenhado um vestido de noiva tradicional na Indonésia, modelo da designer Dian Pelangi. As cores femininas e claras nas roupas estão muito refletidas no trabalho de Ria Miranda.

Foram realizados diversos sketches e versões diferentes da boneca até chegar no resultado final.

A boneca foi então vetorizada e colorida no Illustrator.

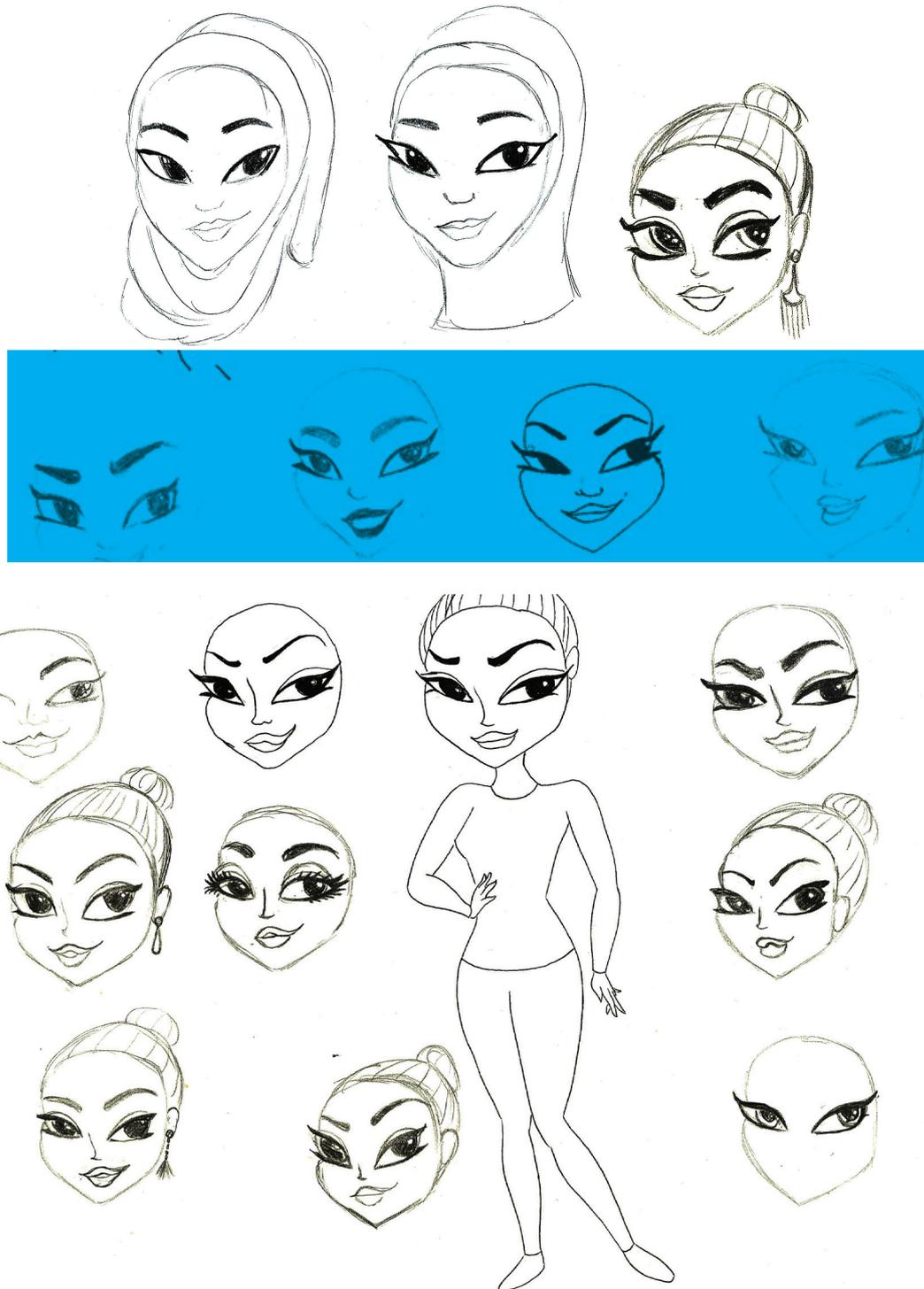
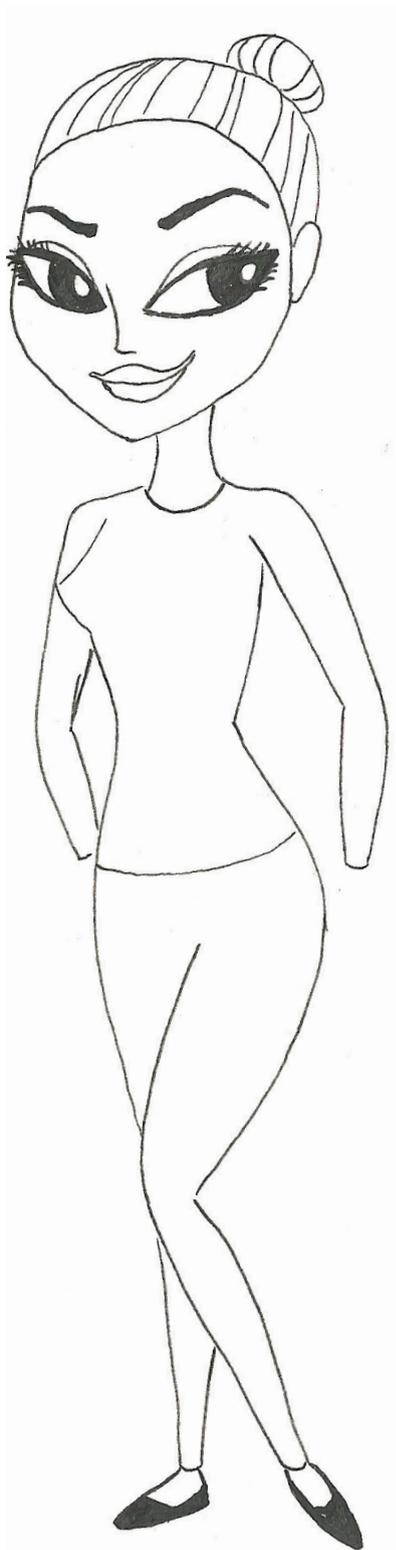
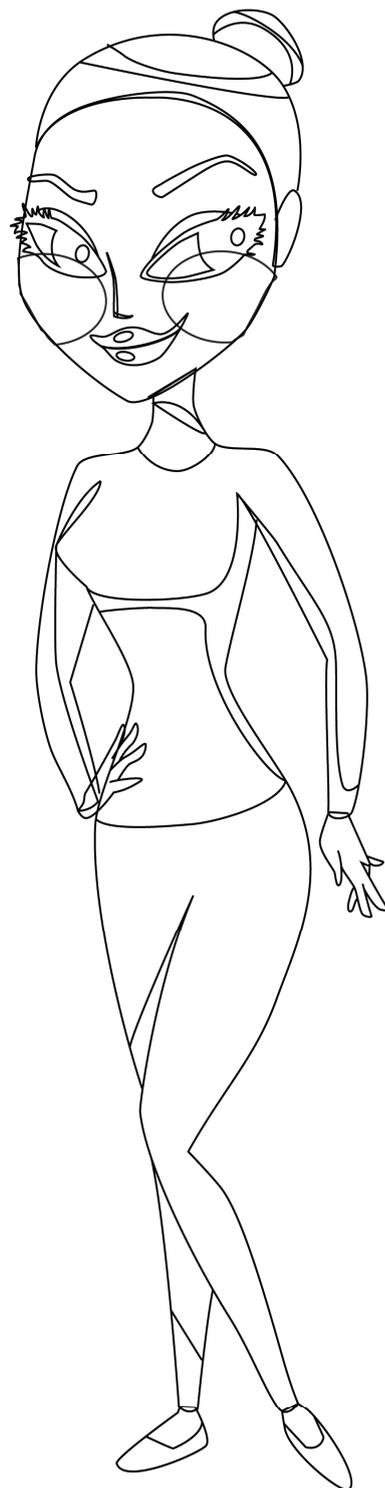


Figura 49 -Primeiros sketches da personagem.
Imagens da autora, Setembro de 2015



Sketch final



Versão vetorizada



Versão final

Figura 50-Processo de vetorização da boneca. Imagens da autora, Setembro de 2015

ROUPAS

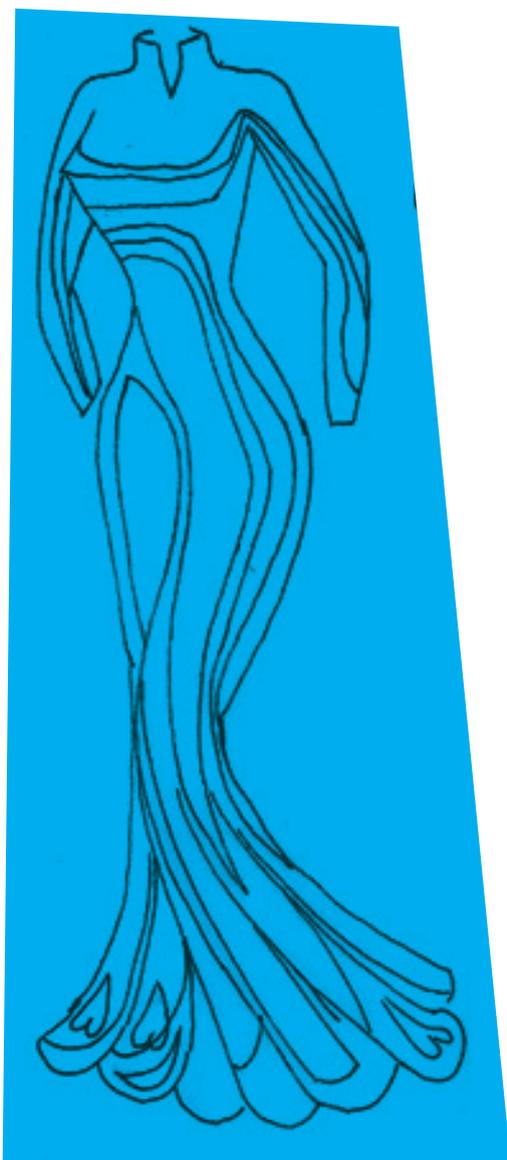
Após a forma definida da boneca, partiu-se para a criação das roupas.

As roupas e cores escolhidas foram baseadas nos blogs, sites de moda, sites de compra, vídeos que foram encontrados ao longo da pesquisa.

No Sudeste Asiático, o estilo do hijab usado é referido como Kerudung ou Tudong. As indonésias e malais usam o véu mais longo para fazer mais voltas e formas diferentes com o hijab.

O conjunto de roupas contitui-se em: 3 véus tudong, 1 turbante, duas blusas, uma jaqueta, um vestido e um vestido de noiva tradicional indonésio.

As roupas foram desenhadas em papel vegetal, por cima do desenho final da boneca, depois vetorizadas e finalizadas no Illustrator.



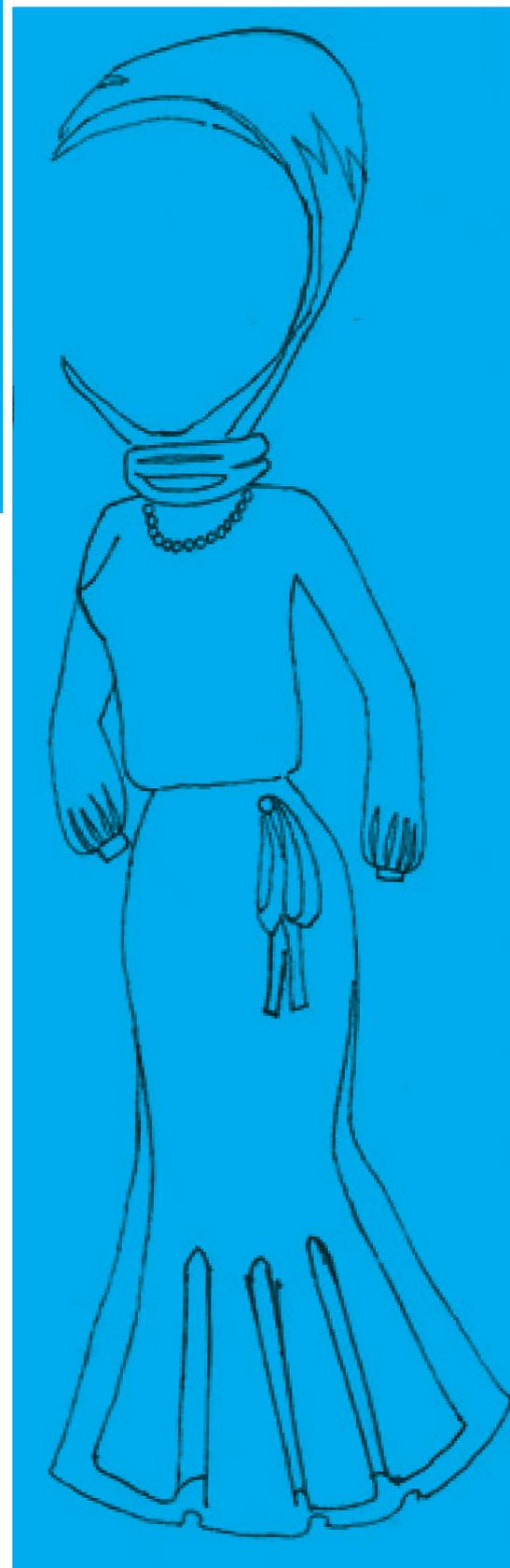
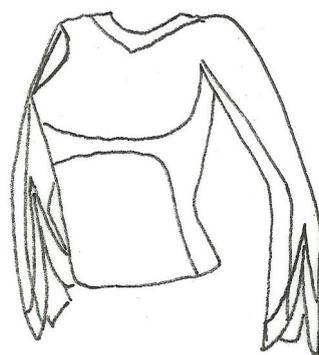
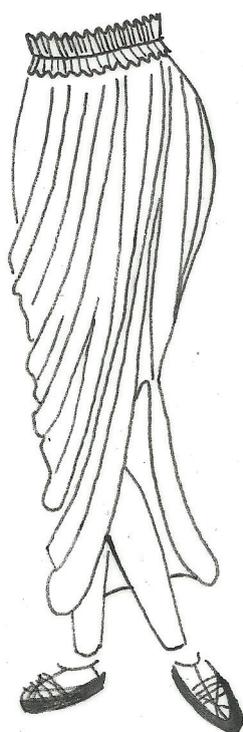
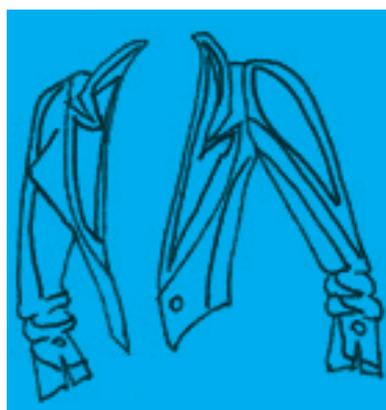
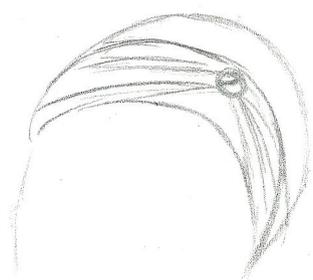
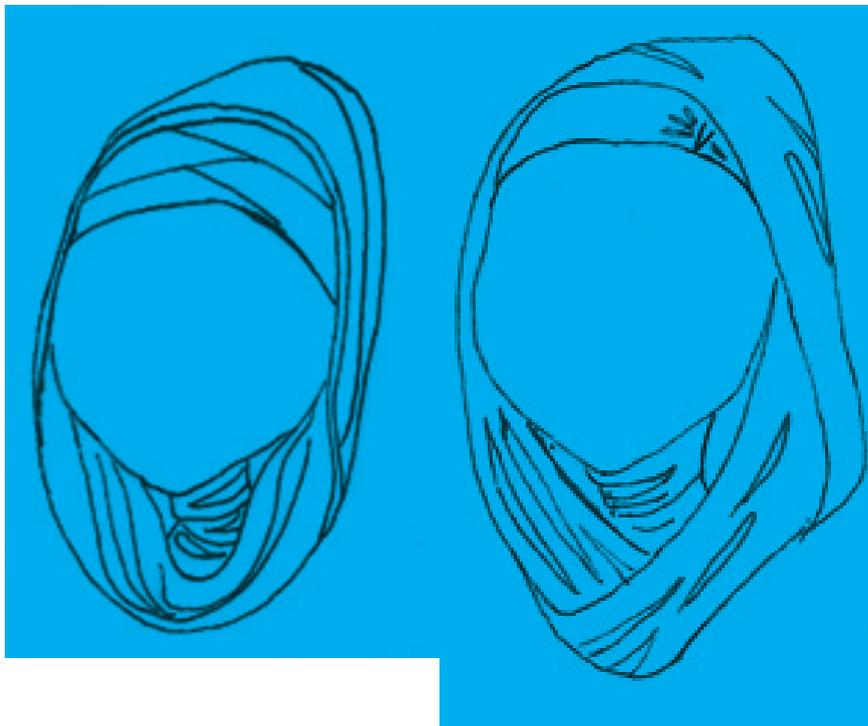


Figura 51 - Sketches das roupas feitas a lápis.
Imagens da autora, Novembro de 2015



Figura 52 - Roupas vetorizadas e coloridas.
Imagens da autora, Janeiro de 2016

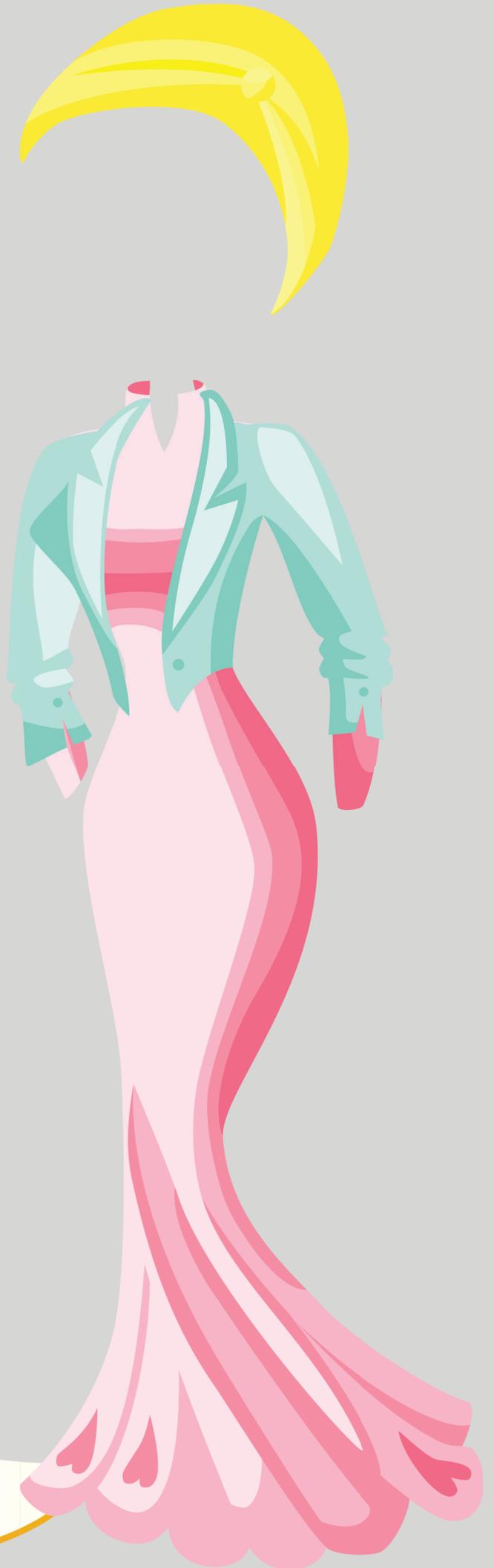




Figura 53 - Boneca com roupas
Imagens da autora, Janeiro de 2016

CONCEPT ART: ÁFRICA

Os países africanos escolhidos foram países do Oeste Africano tais como Nigéria e Senegal ambos com grande parte populacional muçulmana. Ambas as populações do Senegal e da Nigéria são majoritariamente muçulmanas e dentro desses países existem diversas etnias. O uso do hijab tem se tornado mais frequente nas últimas três décadas, como apontado pelo trabalho de Hauwa Mahdi, historiadora da Universidade de Gothenburgo na Suécia, no qual ela relata as mudanças das vestimentas das mulheres dos anos 70 até os dias de hoje. Segundo ela, o hijab na Nigéria tornou-se mais frequente porque mulheres estão cada vez mais presentes nos espaços públicos, e usar o véu para elas demonstra a mudança política e social na Nigéria em relação a mulher na sociedade.

Mahdi nota também os estilos mais comuns usados pelas mulheres dos grupos étnicos Hausa e Kanuri. Existem diversos tipos de véus e vestimentas e cada um com sua história e significado. As mulheres Hausa, grupo étnico de aproximadamente 35 milhões de pessoas, usam o véu em forma de turbante e túnicas, e as mulheres Kanuri desde os anos 70 usam um lenço comprido ao redor do corpo e da cabeça, o mandil e a lafaya, um tecido que envolve o corpo como o saree indiano. Através de fotos, encontrei diversas referências dessas mulheres e os estilos usados na Nigéria e Senegal.

Segundo conversa via email com Mahdi,

o hijab e as vestimentas islâmicas tradicionais também são muito usadas. Algumas mulheres usam as vestimentas locais, como o turbante, o gelé, apenas em algumas ocasiões, e uso da vestimenta depende também da profissão da mulher. O turbante é usado por mulheres de diferentes grupos religiosos.

As roupas são muito coloridas e são combinadas com estampas e cores diferentes. Noivas nigerianas da etnia Hausa usam um grande turbante e um vestido com pedrarias, estampas ou rendas.

A pesquisadora seguiu estilos encontrados no Instagram de uma maquiadora muçulmana nigeriana, Amina Suleiman, no qual posta seus looks de hijab e de gelé.

Para a boneca que representa a região, procurou-se demonstrar essa riqueza cultural nas vestimentas.

A boneca foi desenhada no papel, vetorizada e finalizada no Illustrator. Após definir a forma final da boneca, as roupas foram desenhadas em papel vegetal, vetorizadas e finalizadas também pelo mesmo processo.



Bella Naija

Figura 54 - Turbante gelé, traje tradicional de noiva da Nigéria

Disponível em:

< <https://www.bellanaija.com/2015/07/bn-bridal-beauty-yinka-the-cute-bride-dartiste-by-dodos/> >

Acesso em: 30 de Setembro de 2015



Figura 55 - Traje tradicional de noiva da Nigéria.
Disponível em: <<https://www.bellanaija.com/2012/09/a-look-inside-wed-magazines-1-year-anniversary-mega-issue/>>,
Acesso em: 30 de Setembro de 2015



Figura 56 - Casamento de Amina Suleiman
Disponível em:
<<http://naijayoungers.blogspot.com.br/2015/03/a-beauty-her-prince-amina-mimi-suleiman.html>>,
Acesso em: 7 de Setembro de 2016

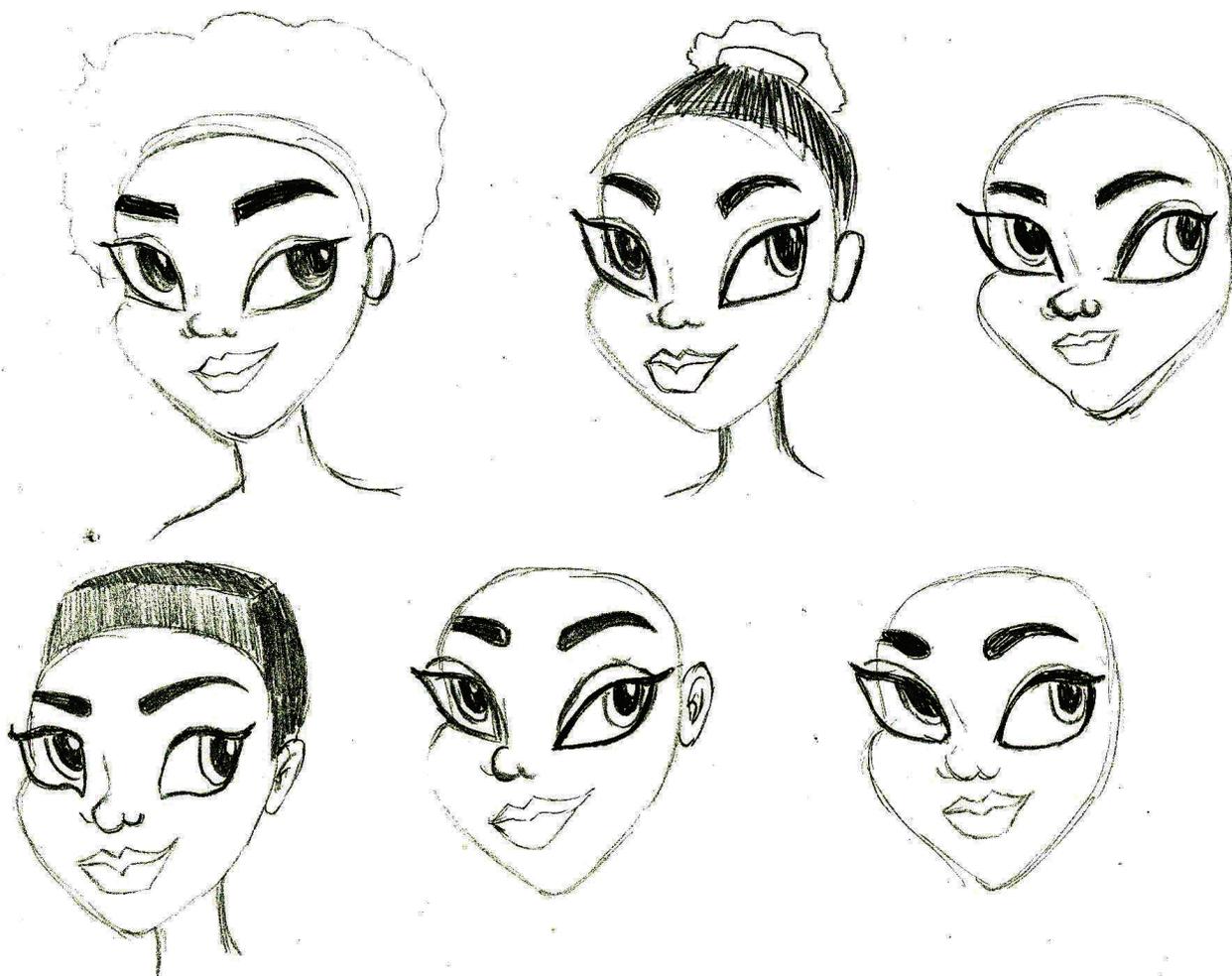


Figura 57 - Primeiros sketches da personagem. Imagens da autora, Setembro de 2015



Sketch final

Versão vetorizada

Versão final

Figura 58 - Processo de vetorização da boneca. Imagens da autora, Setembro de 2015



Figura 59 - Sketches das roupas feitas a lápis.
Imagens da autora, Novembro de 2015

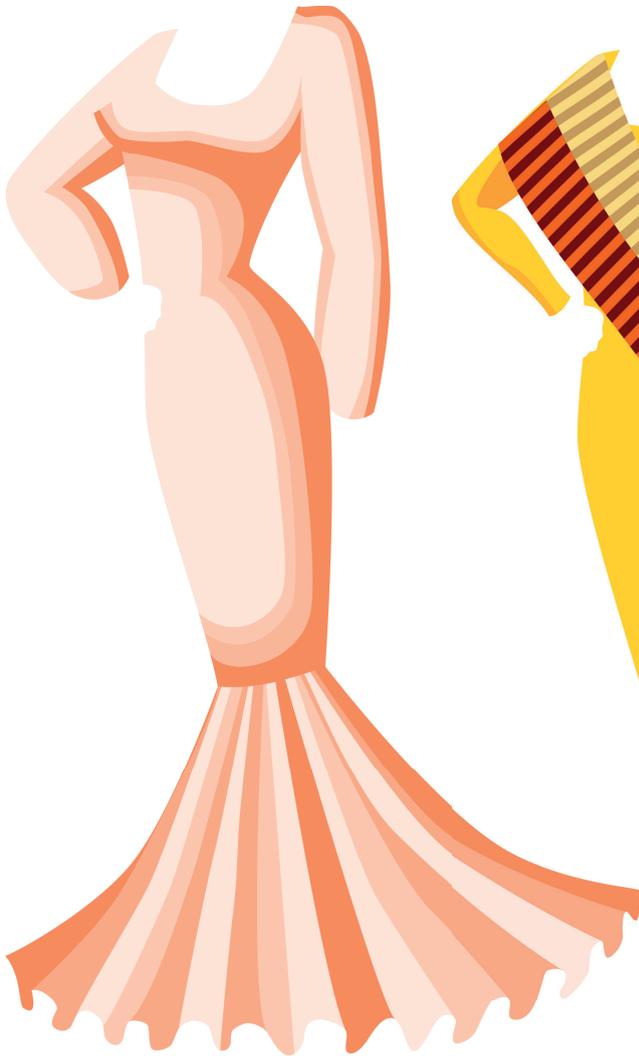
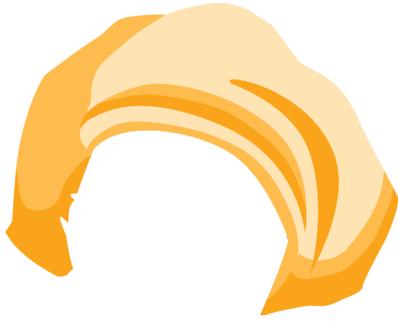
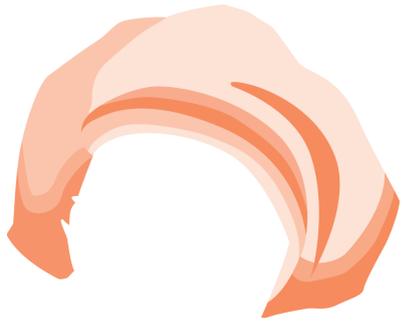




Figura 60 - Roupas vetorizadas e coloridas.
Imagens da autora, Janeiro de 2016



Figura 61 - Boneca com roupas
Imagens da autora, Janeiro de 2016

CONCEPT ART: AMÉRICA E EUROPA

Nos países ocidentais fica-se difícil encontrar um padrão de como as mulheres muçulmanas vestem-se porque os muçulmanos no Ocidente possuem diversas origens.

Nos países ocidentais, a exemplo do continente americano e na Europa, muçulmanos são uma minoria. As populações destes países são em sua maioria cristãs e dessa forma o Islã se apresenta de diferentes formas. O Islã é praticado por imigrantes de países islâmicos, ou por pessoas nascidas em berço islâmico, ou praticado por convertidos ao Islã.

E muitas muçulmanas são a segunda ou terceira geração de imigrantes desses países. Como ocorre na Alemanha com as novas gerações de imigrantes turcos que imigraram para o país em larga escala desde os anos 70. E como ocorre no Reino Unido com as segundas e terceiras gerações de imigrantes paquistaneses.

O modo como as muçulmanas vestem-se varia, pois o modo de se vestir de uma mulher também intrinseca-se em âmbitos individuais, sociais e culturais. Algumas preferem vestir roupas mais tradicionais, como a abaya (longa túnica que cobre o corpo da mulher até os pés), khimar e o véu. Outras preferem adotar peças islâmicas e combiná-las ao vestuário ocidental, como jeans, saias longas, jaquetas, etc. Existe debate entre muçulmanos do modo correto e não correto de usar o conjunto de vestimentas

muçulmanas. Algumas argumentam que usar apenas o hijab com jeans e roupas mais ajustadas ao corpo perdem o sentido do hijab.

Porém para as muçulmanas fashionistas, acreditam que através da moda possam passar uma imagem positiva do Islã no Ocidente.

E procuram adaptar o hijab unindo o clássico e o contemporâneo, como YastheSpaz, Youtuber americana, filha de mãe cubana e pai turco, ou como Mag Halat, Youtuber brasileira, filha de mãe brasileira e pai libanês.

E outras que preferem não usar o véu por julgar desnecessário ou por medo de sofrer discriminação.



Elas, ao usarem o véu em países ocidentais, são visivelmente muçulmanas na sociedade e devido a isso elas tornam-se mais vulneráveis a possíveis ataques e hostilidades.

Após os ataques a Charlie Hedbo em 2015 e os ataques terroristas na França e Bélgica, houve um aumento de ataques direcionados aos muçulmanos, tanto na Europa e Estados Unidos quanto no Brasil. Segundo o jornal O Globo, em janeiro de 2016, uma muçulmana foi atacada com uma pedra em São Paulo, enquanto em Curitiba muçulmanas relatam episódios de discriminação.

“Após a morte de Osama Bin Laden e, mais recentemente, nos atentados contra o Charlie Hebdo, sofri preconceito e até fui agredida no ônibus. Na última semana, uma pessoa pôs a cabeça para fora do ônibus, começou a me xingar e cuspiu em mim”, diz Paula. “Meu filho de nove anos não está indo para a escola por causa do bullying. As pessoas dizem que a mãe dele é uma mulher-bomba”

Um caso curioso é o de Saba Ahmed, muçulmana americana presidente da Coalção Republicana Americana, que apareceu em uma entrevista ao canal Fox usando o hijab com a bandeira americana estampada no véu, em resposta aos discursos do candidato Donald Trump na corrida eleitoral americana.

Figura 62 - Hijabista americana, Saufeyya Bint

Disponível em:

<<http://www.imgur.net/user/feeee>

ya/371058183/1068359910182470201_371058183>

Acesso em: 10 de Setembro de 2015



Figura 63 - Saba Ahmed em entrevista ao Fox News,
Disponível em:
<<http://www.forbes.com/sites/emilycanal/2015/11/19/saba-ahmeds-american-flag-hijab-is-a-10-scarf-sold-in-times-square/>>
Acesso em: 4 de Setembro de 2016



Figura 64 - Muçulmanas americanas,
Disponível em:
<<https://uk.pinterest.com/saraamr3532507/7egab/>>
Acesso em: 5 de Setembro de 2016

BONECA

Para a boneca dessa região procurou-se retratar uma cidadã europeia/ americana fashionista muçulmana, contrapartindo com o pressuposto achismo de que a religião islâmica é algo exterior as sociedades ocidentais, estrangeiro e desconhecido.

Foram realizados vários sketches da personagem, e após definir a forma final, a boneca foi vetorizada e a arte finalizada no Illustrator.

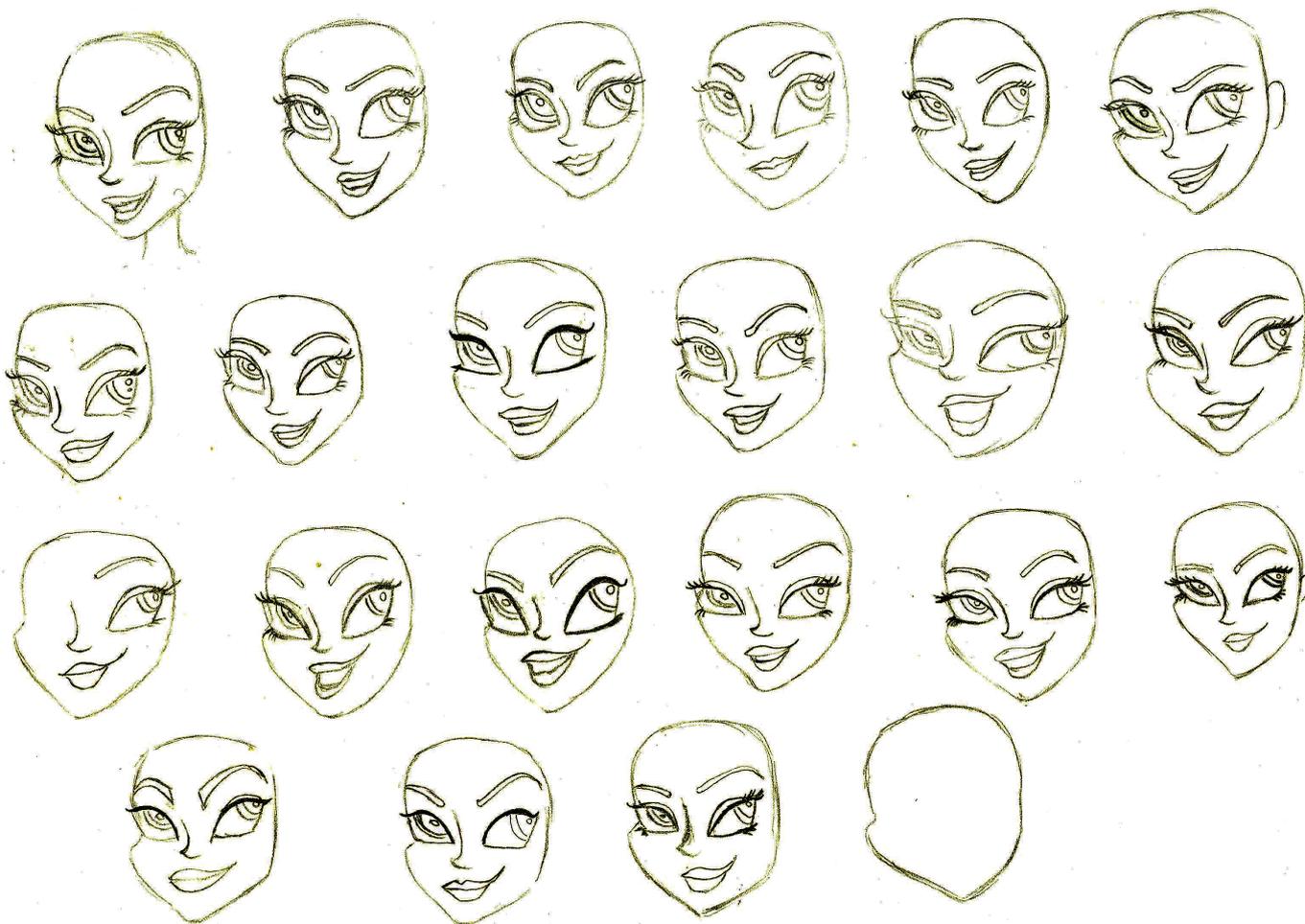
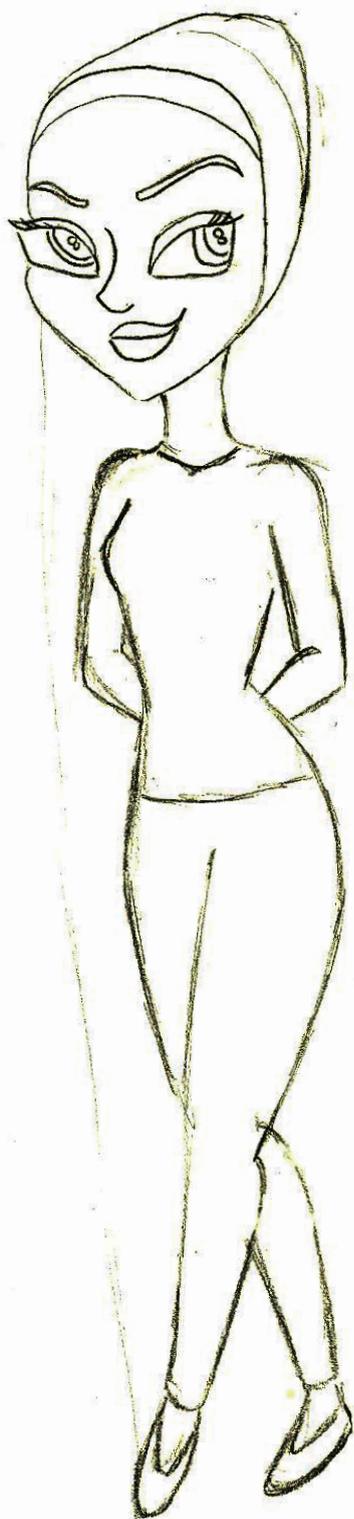


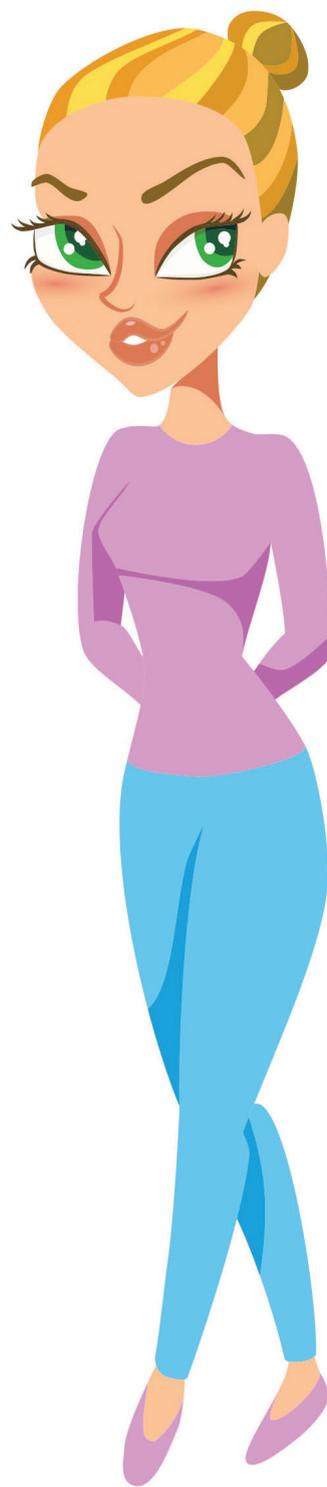
Figura 65 - Primeiros sketches da personagem.
Imagens da autora, Setembro de 2015



Sketch final



Versão vetorizada



Versão final

Figura 66 - Processo de vetorização da boneca. Imagens da autora, Setembro de 2015.

Com a forma final da boneca desenvolvida, as roupas foram desenhadas em papel vegetal por cima do desenho da boneca, e foram baseadas nos estilos encontrados durante a pesquisa.

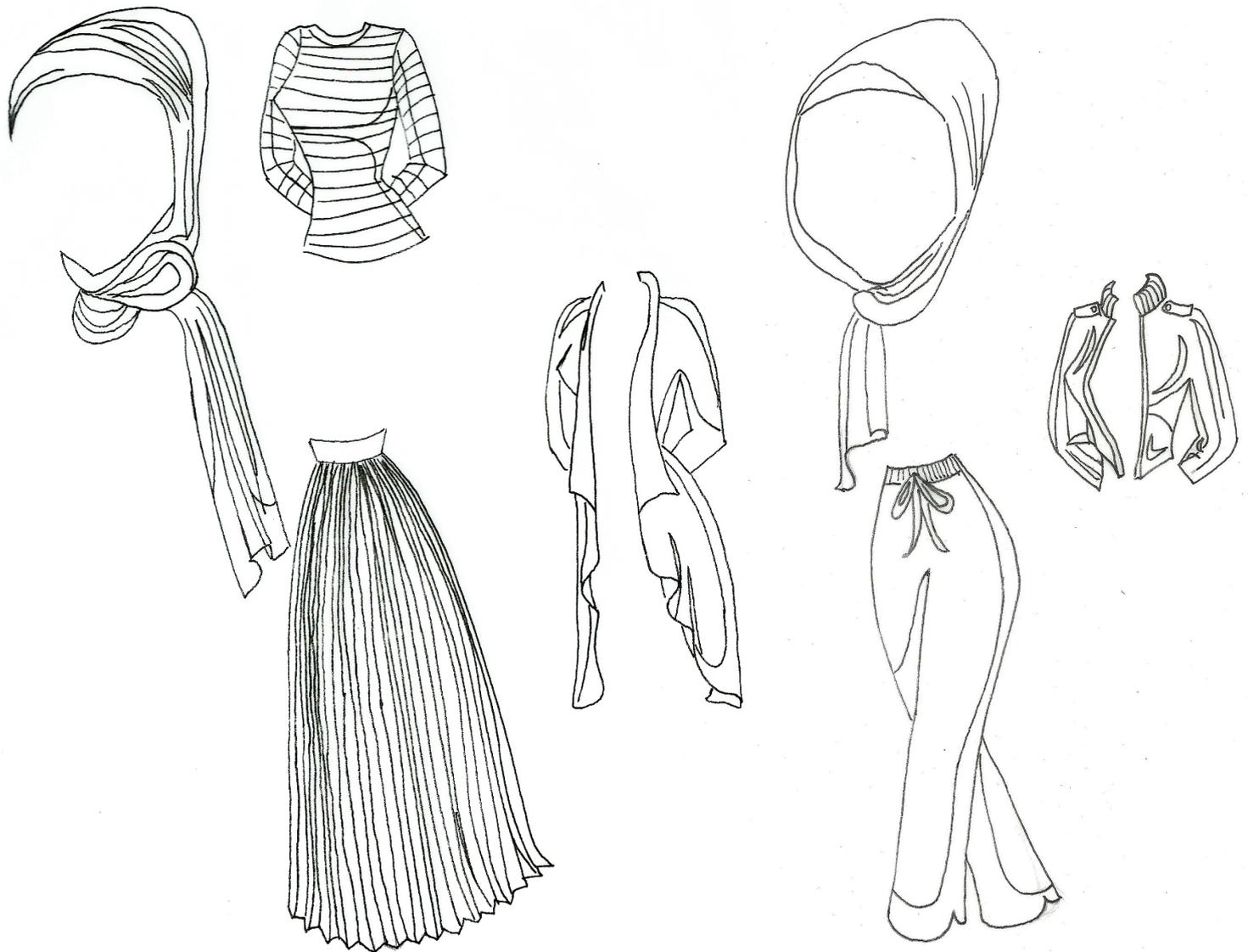


Figura 67 - Sketches das roupas feitas a lápis.
Imagens da autora, Novembro de 2015



Figura 68 - Roupas vetorizadas e coloridas.
Imagens da autora, Janeiro de 2016



Figura 69 - Boneca com roupas
Imagens da autora, Janeiro de 2016

JOGO DESENVOLVIMENTO

Antes de desenvolver o jogo, buscou-se a ferramenta na qual a pesquisadora conseguiria desenvolvê-lo por não ter muita experiência com programação de jogos. Após avaliação e pesquisa de softwares para criação de jogos, foi decidido que a melhor alternativa era o Adobe Flash.

Desenvolveu-se com a ferramenta um protótipo para testar e analisar se seria possível executar o projeto.

O jogo consiste-se em menu principal no qual o jogador escolhe qual região do mundo ele quer jogar e então ele pode fazer as combinações que achar que combine melhor e salvar a sua combinação. Também na seção de “info” o jogador pode obter algumas informações do estilo dos países daquela região.

Depois de alguns testes serem executados com o protótipo, partiu-se para o desenvolvimento do jogo.

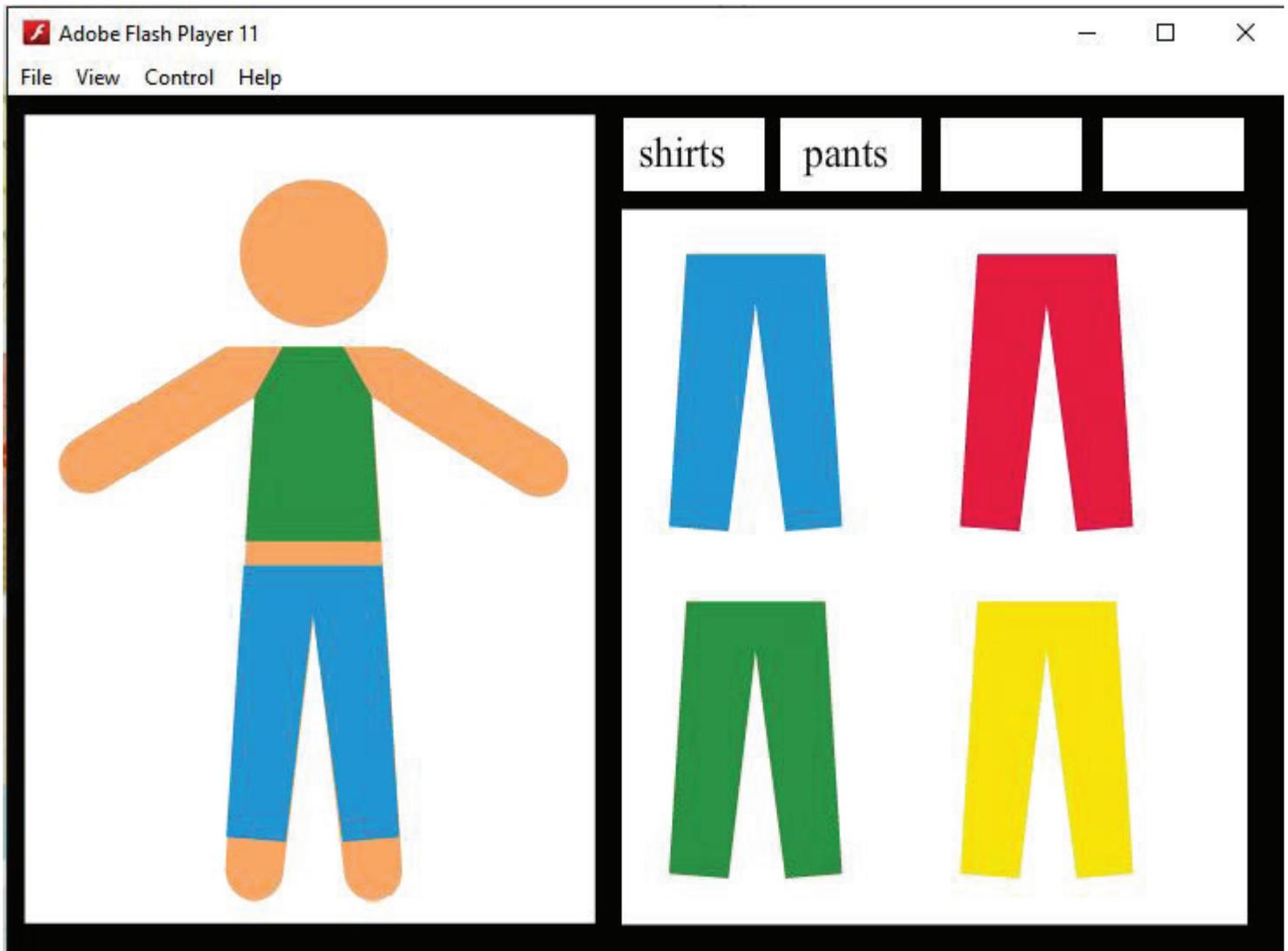


Figura 70 - Protótipo de jogo feito no Flash. Imagens da autora, Agosto de 2015

IDENTIDADE VISUAL

O logotipo foi simples de ser executado. Foram realizados alguns sketches a mão e em seguida o logotipo do jogo "Hijab Up" foi vetorizado no Illustrator. A espessura e as cores e foram ajustadas até que se chegasse no resultado final.

Em seguida os ícones para os botões do menu foram criados, para o jogador selecionar peça que deseje.



Figura 71 - Versão final do logo. Imagens da autora, Abril de 2016

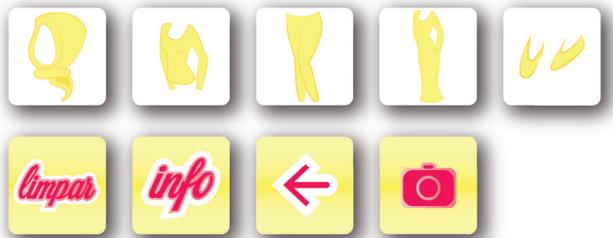


Figura 72 - Botões do jogo. Imagens da autora, Abril de 2016



Figura 73 - Sketch do logo. Imagens da autora, Abril de 2016

TIPOGRAFIA

A tipografia dos botões é a Mochary Typeface, de Måns Gebräck. A tipografia dos textos é Mermaid, de Scott Simpson.

A B C D E F G H I J K L M N O P
Q R S T U V W X Y Z
a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z
Mochary
A B C D E F G H I J K L M N O P
Q R S T U V W X Y Z
a b c d e f g h i j k l m n o p q r s t u v w x y z
Mermaid

CENÁRIOS

Os cenários mudam de acordo com cada personagem, e foram desenhados no estilo de cada região escolhida.

Primeiramente pensou-se em fazer cada personagem em algum ponto turístico diferente de cada região escolhida, porém, após testes, foi decidido que colocar muitos elementos no fundo saturariam e não ressaltariam as roupas e a personagem no plano principal.

Foram definidos cenários simples e neutros com estampas que aludissem a cada região escolhida.



Figura 74 - Sketches dos cenários



Figura 75 - Referências de estampas

Estudou-se estampas de cada região escolhida e após o desenvolvimento das estampas, essas foram aplicadas como papel de parede em cada cenário.

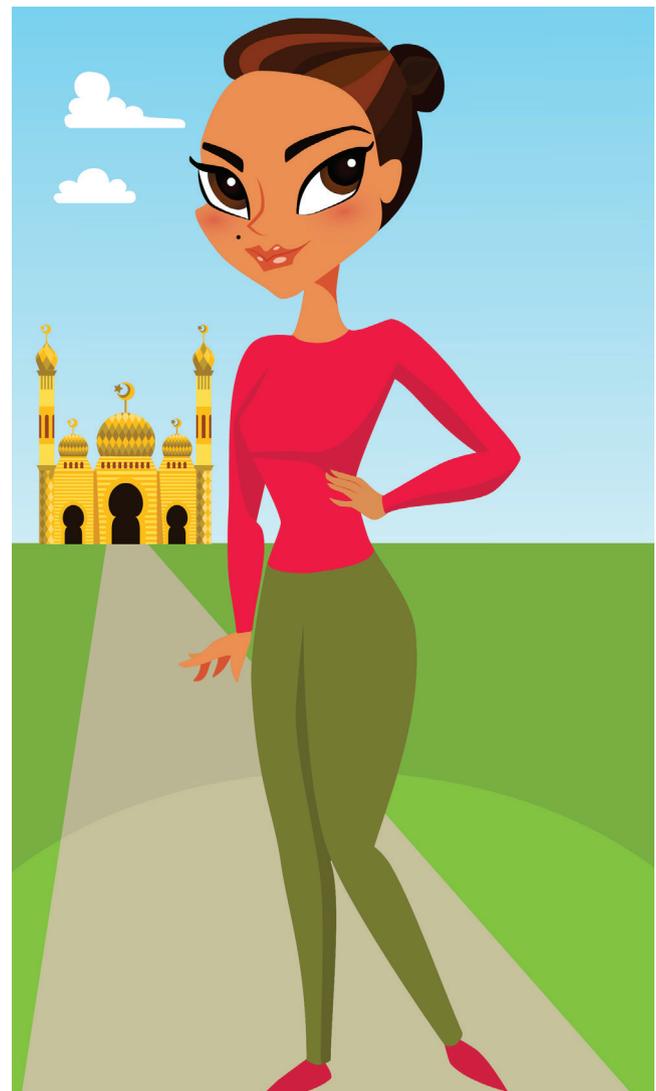
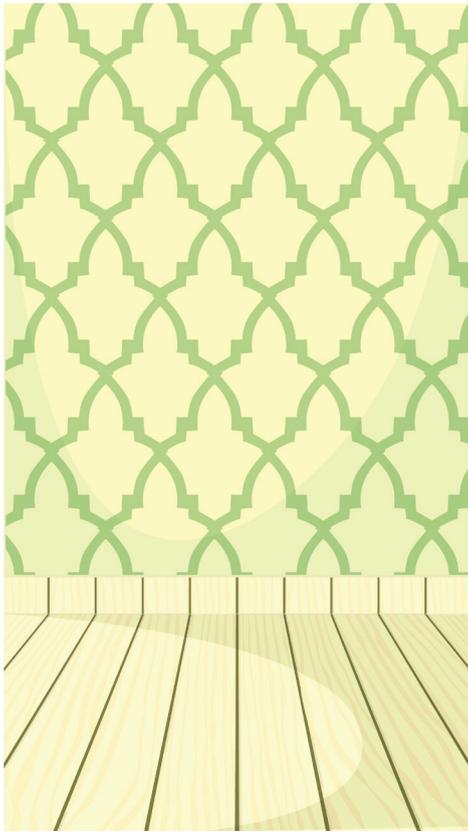


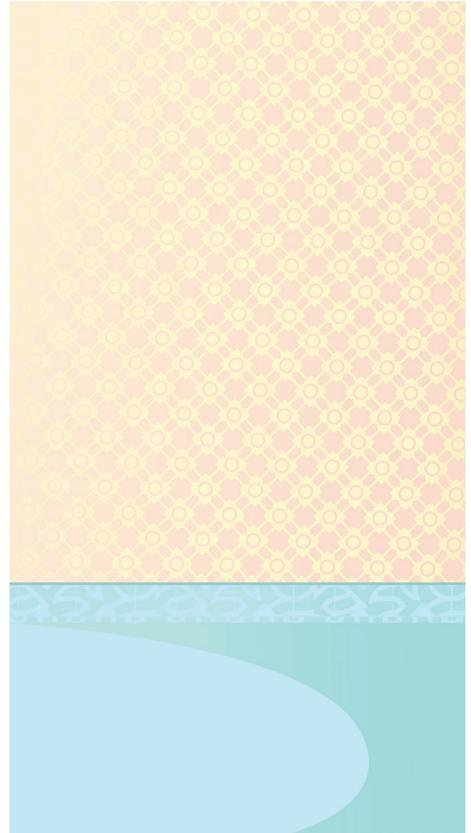
Figura 76 - Ideia inicial para cenário



Cenário 1



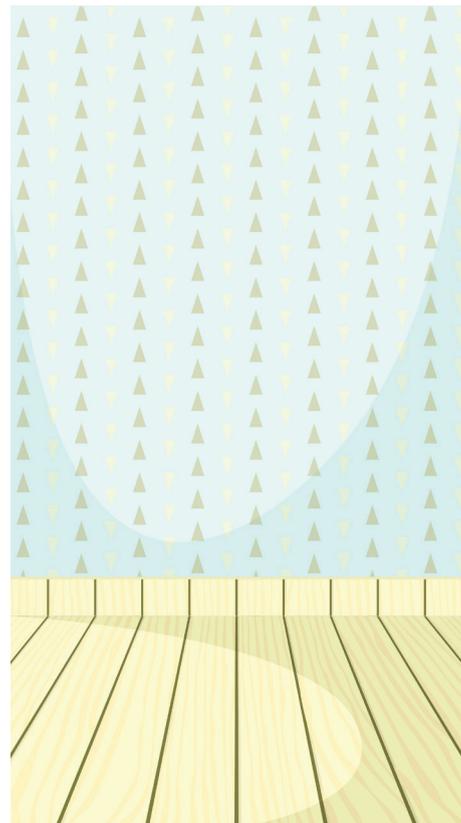
Cenário 2



Cenário 3



Cenário 4



Cenário 5

Figura 77 - Cenários

TELAS DO JOGO

O jogo HijabUp possui 4 telas iniciais, na qual na primeira encontra-se o logo, centralizado, e o botão “Play”, no qual direciona o jogador a tela 2, uma tela introdutória, que explica resumidamente sobre o Islã. Na tela 3, tem uma breve explicação sobre as diferenças entre as vestimentas usadas pelas mulheres muçulmanas ao redor do mundo. Na tela 4, convida-se o jogador a conhecer essas diferenças no jogo.

Na tela 5, o jogador pode escolher as regiões em que ele pode jogar: África, Europa/ Américas, Oriente Médio, Sudeste Asiático e Sul Asiático.

Quando o jogador seleciona um desses botões é direcionado para a tela respectiva da região em que deseja jogar.

O jogador pode, por fim, trocar véus, blusas, vestidos, calças ou saias e sapatos.

Se o jogador passar o mouse no botão “info”, poderá ler algumas informações sobre as roupas da região em que está jogando.

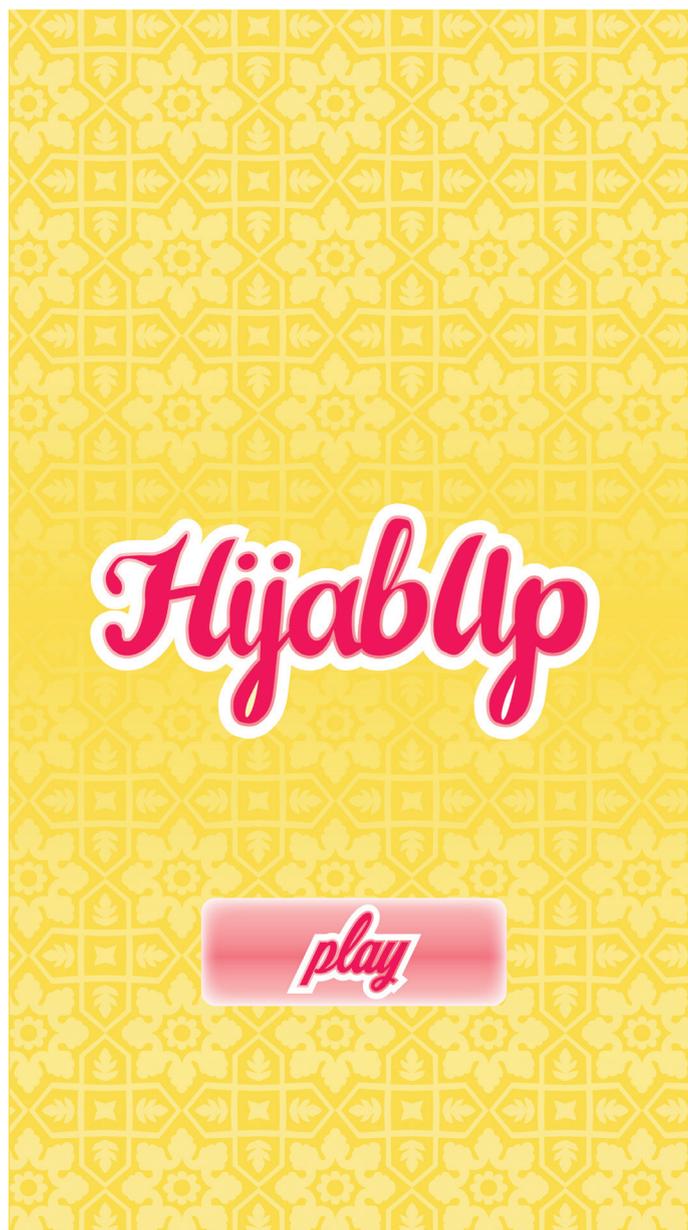
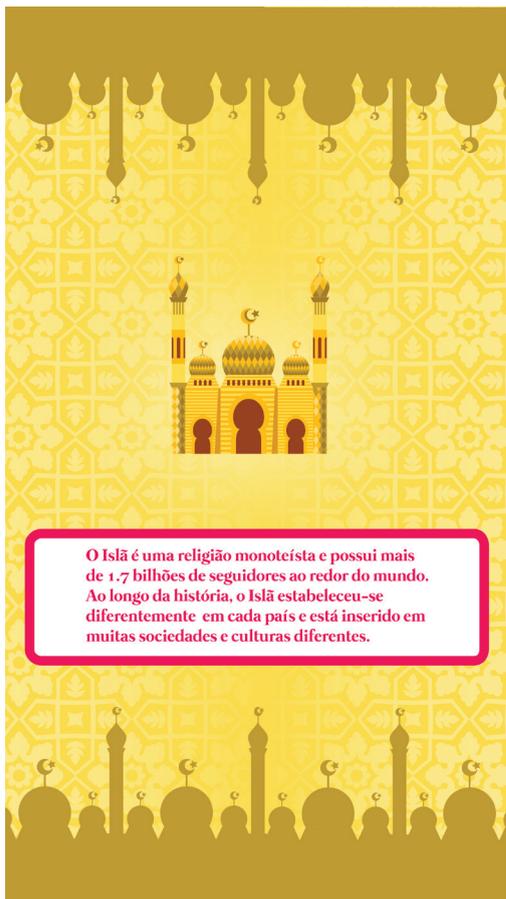


Figura 78- Tela 01,
Abril de 2016



O Islã é uma religião monoteísta e possui mais de 1.7 bilhões de seguidores ao redor do mundo. Ao longo da história, o Islã estabeleceu-se diferentemente em cada país e está inserido em muitas sociedades e culturas diferentes.

Tela 02



Isso demonstra-se também nas vestimentas das muçulmanas em cada cultura e país. O hijab no alcorão, significa em árabe, cobertura ou proteção. Na religião islâmica recomenda-se o uso do veu, porém o modo como o veu e conjunto de vestimentas usados pelas muçulmanas variam.

Tela 03



Conheça nesse jogo, modos diferentes das muçulmanas se vestirem ao redor do mundo. Divirta-se!

Tela 04



África

Europa/Américas

Oriente Médio

Sudeste Asiático

Sul Asiático

Tela 05

Figura 79 - Telas do jogo

GAME DESIGN

Após as artes das bonecas, as peças de roupa e os cenários fossem concluídas, a criação do jogo no Flash foi iniciada.

Foram importados todos os elementos gráficos, botões, personagens e cenários. A linguagem usada no Flash para a programação do jogo foi o ActionScript 3.0.

Após serem assistidos diversos tutoriais, e realizados inúmeros testes com o protótipo feito (página 82), a autora conseguiu aprender como fazer a programação para que o jogo funcionasse.

Basicamente, diferentes cenas foram criadas para as bonecas e em cada uma delas o código foi inserido.

Em cada cena, encontra-se uma boneca e as roupas respectivas a ela. As roupas foram posicionadas corretamente em diferentes "Frames" e essas "Frames" foram nomeadas. Exemplo: Frame 1: véu1; Frame 2:véu2...

Também em cada cena encontra-se um menu com botões para que o jogador selecione véus,

blusas, vestidos, calças/ saias e sapatos. Para cada tipo de item, como "véus", foi criado um menu com os ícones dos véus que podem ser vestidos na boneca. Cada ícone deste menu foi nomeado com o nome da Frame no qual esse item está corretamente posicionado na personagem.

Dessa forma, quando o jogador clica o ícone da roupa, ele é direcionado ao Frame no qual essa roupa está.

É com este mecanismo que o jogo funciona.

O jogador também pode começar de novo a vestir a boneca, ao clicar o botão "limpar".

Ao clicar em "salvar", o jogador consegue salvar o look que montou em seu dispositivo.

Dessa maneira, possibilitam-se inúmeras combinações.

Pode-se observar todas as telas do jogo na página 90.

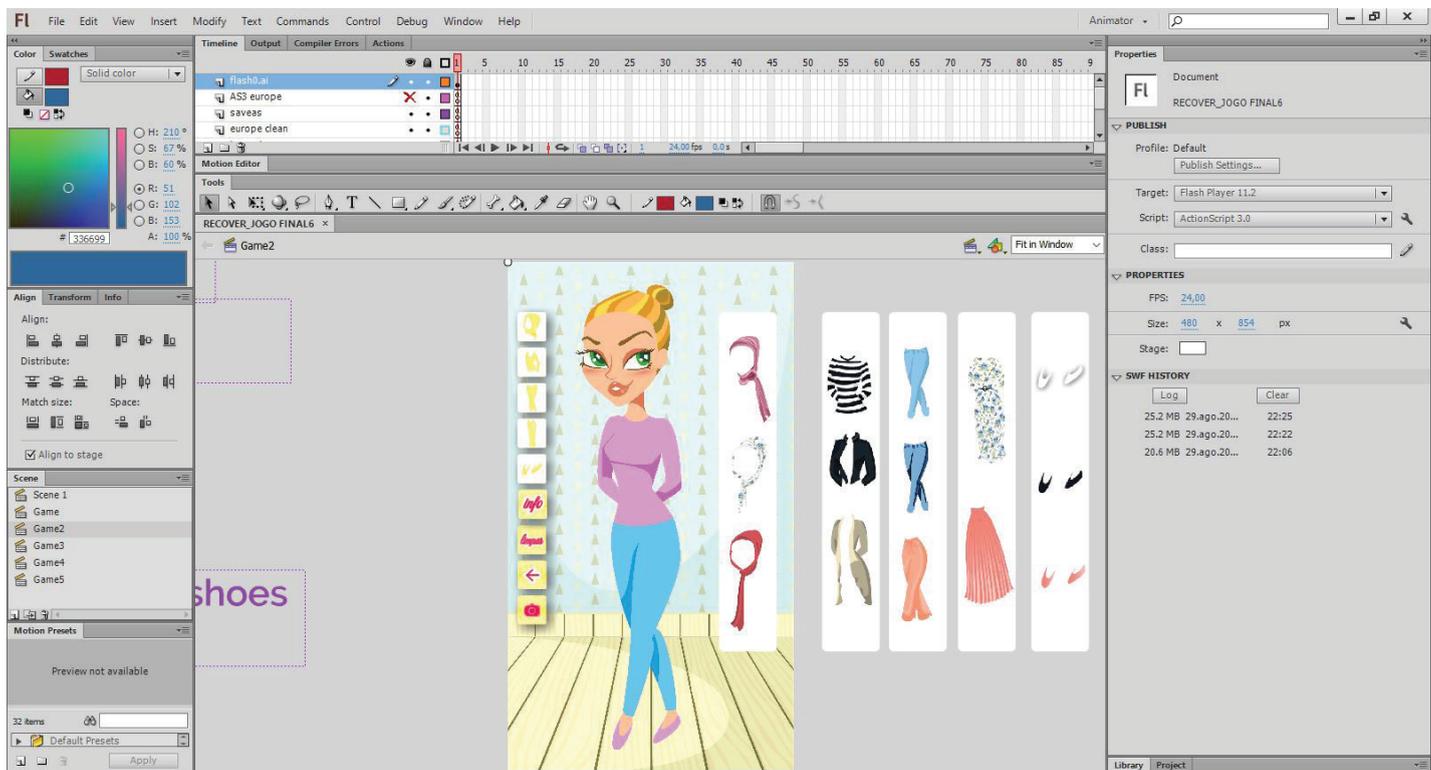


Figura 80 - Captura de tela do desenvolvimento do jogo no Flash

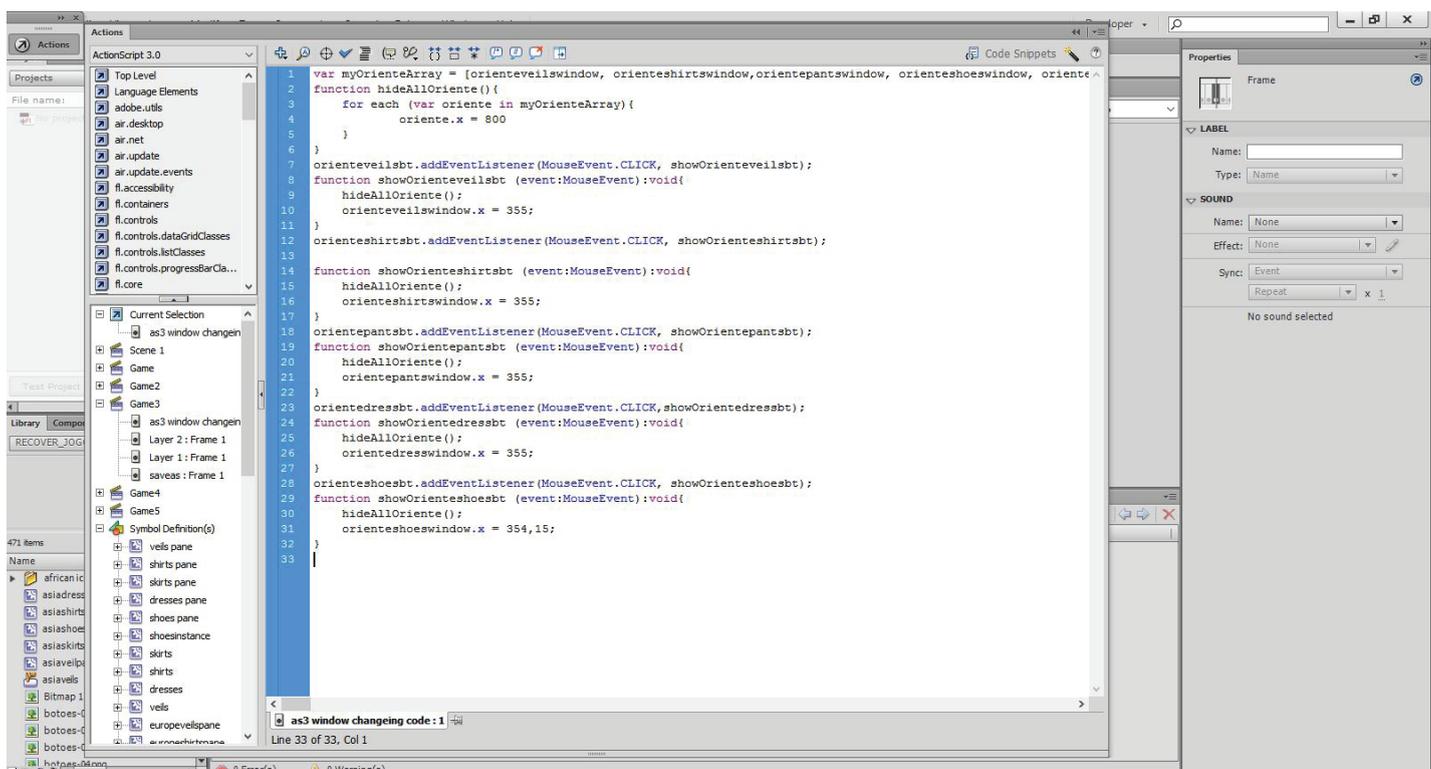


Figura 81 - Captura de tela do desenvolvimento do jogo no Flash



Figura 82 - Telas do jogo



Figura 83 - Tela Sul Asiático



Figura 84 - Tela África

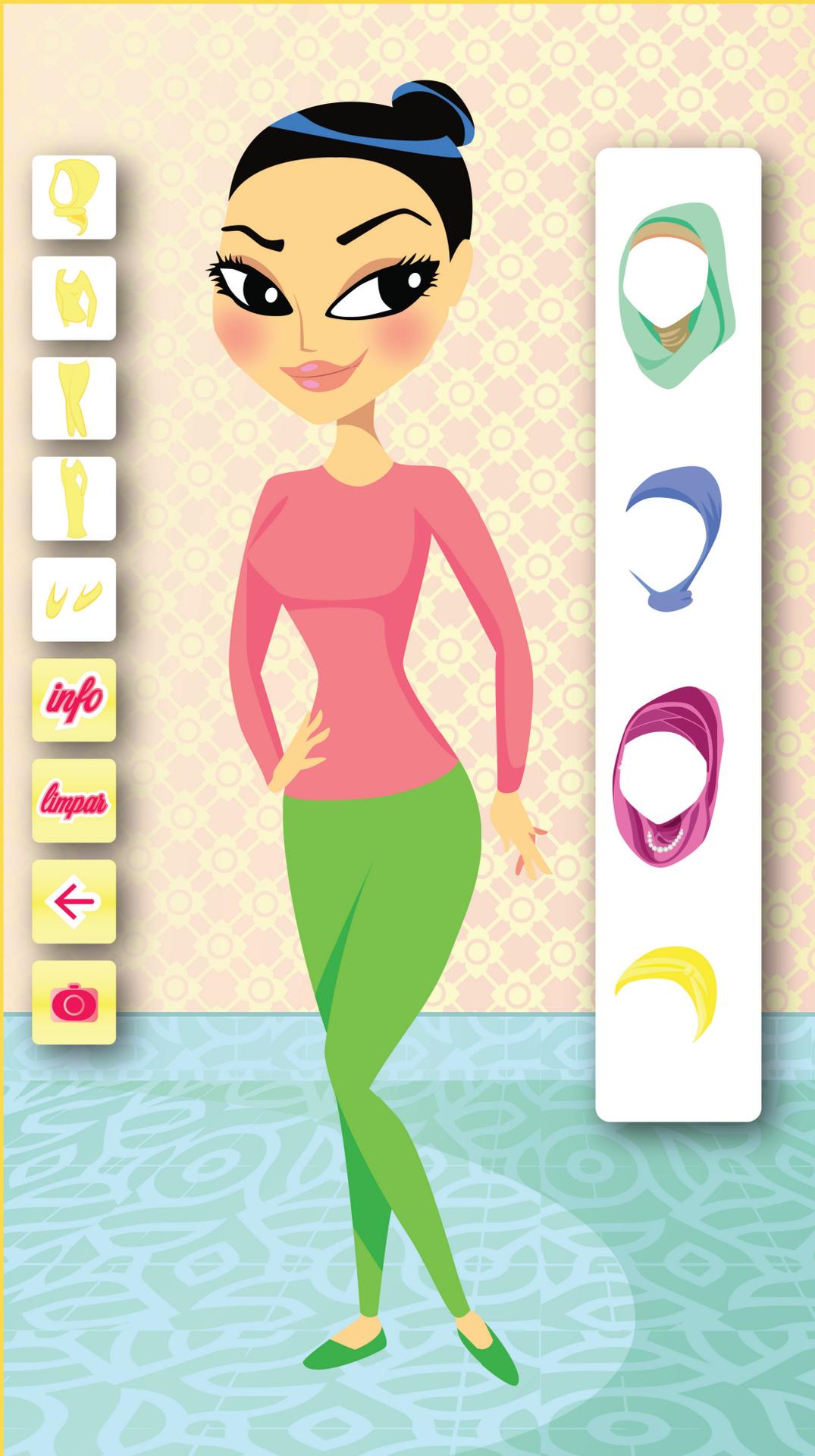


Figura 85 - Tela Sudeste Asiático



Figura 86 - Tela Américas/Europa



Figura 87 - Tela Oriente Médio

LINK PARA O JOGO

Para acessar o jogo, basta acessar o link abaixo e aguardar alguns minutos devido ao tamanho das imagens do jogo.

Divirta-se!

<http://www.kongregate.com/games/giuliagushikem/hijab-up>



Figura 88 - Bonecas

CONCLUSÃO

Acredita-se que a pesquisa chegou ao final cumprindo todo o proposto. Não foi tarefa fácil unir todo o conhecimento da iniciação científica, das conversas com tantas pessoas, com leituras em um projeto prático. Além disso, pela autora não ter muita experiência com a criação e programação de jogos.

Ao começar as leituras e levantamentos iniciais, ampliou-se um universo acerca do pensamento sobre a moda islâmica. A mesma se transforma e compreende muitas questões sociais, culturais. Esta incursão promoveu, sem dúvida, inúmeras modificações pessoais.

Espera-se que os resultados dessa pesquisa contribuam, de certa forma, pelo respeito às escolhas pessoais das pessoas, e especificamente quanto às mulheres muçulmanas. Um dos aprendizados foi o de que o preconceito e a falta de informação contribuem com a visão vitimizada das mesmas. Também, é bastante claro que as mulheres muçulmanas são fortes e corajosas por usarem o véu em sociedades que, por vezes, as repreendem.

Ao longo do projeto, houve algumas surpresas quanto à visão de alguns colegas ao pensar que a expressão religiosa dessas mulheres fosse uma ameaça ou um insulto à liberdade da mulher.

A liberdade tem muitas faces, e as mulheres que usam o hijab por escolha própria é uma delas.

Porém, os objetivos foram alcançados e muitas dificuldades que encontradas durante o caminho foram contornadas.

O universo fashion islâmico também é muito amplo, e gera inúmeras curiosidades e perguntas ainda não respondidas.

De qualquer forma, o resultado foi o de enorme felicidade e o sentimento de missão cumprida, além do prazer de encontrar pessoas maravilhosas ao longo deste processo, que resultou no início do entendimento do que seja a postura de uma futura designer.

BIBLIOGRAFIA

- ABU-LUGHOD, Lila. *Do muslim women really need saving? United States: Anthropological reflections on cultural relativism and its other.* *American Anthropologist*, v.104. issue 3, p.783-790, 2002.
- Anônimo. (sem data específica – Século VII). *Alcorão, 24ª surata.*
- Anônimo. (sem data específica – Século VII). *Alcorão, 29ª surata.*
- BOUHDIBA; Abdelwahab. *A Sexualidade no Islã*, São Paulo: Editora Globo, 2007.
- CHAGAS, Gisele e MEZABARBA, Solange. *Beleza oculta? Recato e estilo pessoal nas vestimentas de mulheres muçulmanas no Brasil*, Portugal: VI Encontro Nacional de Estudos do Consumo. 2012.
- CRANE, Diana. *A Moda e Seu Papel Social - Classe, Gênero e Identidade das Roupas*. São Paulo: Editora Senac, 2008.
- FERREIRA, Francirosy Campos B. *Olhares femininos sobre o Islã: etnografias, metodologias, imagens*. São Paulo: Editora HUCITEC, 2010.
- _____, Francirosy Campos B. *Diálogos sobre o uso do Véu (Hijab)*. v.43, p.183-198, São Paulo: Editora Perspectivas, janeiro/junho de 2013.
- GARTON, Timothy. in LEWIS, Reina. *Modest Fashion: Styling Bodies, Mediating Faith (Dress Cultures)*. London: I.B.Tauris, 2013.
- LEWIS, Reina. *Modest Fashion: Styling Bodies, Mediating Faith (Dress Cultures)*. London: I. B. Tauris, 2013.
- _____, Reina. *Modest Fashion: Styling Bodies, Mediating Faith (Dress Cultures)*. London: I. B. Tauris, 2013.
- MERNISSI, Fatima. *Beyond the veil – male-female dynamics in muslim society*. Cambridge: Al Saqi Books, 1985.
- MOORS, Annellies. *Fashionable Muslims: Notions of Self, Religion, and Society in San'a*. in *Fashion Theory 11*: 319-46. Amsterdã: Berg Publishers, 2007.
- PEZZOLO, Dinah Bueno. *Tecidos – História, Tramas, Tipos e Usos*. São Paulo: Editora Senac, 2012.
- PINTO, Paulo Gabriel Hilu da Rocha. *Islã- Religião e Civilização: uma abordagem antropológica*. São Paulo: Editora Santuário, 2010.
- _____, Paulo Gabriel Hilu da Rocha. *Ritual, etnicidade e identidade religiosa*. Publicação online da REVISTA USP, São Paulo, n.67, p. 228-250, setembro/novembro, 2005
- ROOJEN, Pepin van. *Islamic Fashion*. Amsterdã: Editora Pepin Press, 2012.
- ROSSETTI, Carolina. *Hijab Couture*. Caderno Aliás. Publicado em: *Jornal do Estado de São Paulo*, 17 de abril de 2011.
- TARLO, Emma. *Visibly Muslim: Fashion, Politics, Faith*. London: Bloomsbury Academic, 2010.
- _____, Emma and MOORS, Annellies. *Islamic Fashion and Anti-Fashion: new perspectives from Europe and North America*. London: Bloomsbury Academic, 2013.
- _____, Emma. in LEWIS, Reina. *Modest Fashion: Styling Bodies, Mediating Faith (Dress Cultures)*. London: I.B.Tauris, 2013.
- WILSON, Elizabeth. in LEWIS, Reina. *Modest Fashion: Styling Bodies, Mediating Faith (Dress Cultures)*. London: I.B.Tauris, 2013.

MEIO ELETRÔNICO

- AJIRI, Denise. *Why so many Iranians have come to hate the hijab*. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2016/apr/28/iranian-women-hate-hijab-tehranbureau>>. Acesso em abril de 2016. Anônimo. *The Traditional Dress of Afghanistan*. Disponível em: <<http://thelovelyplanet.net/traditional-dress-of-afghanistan/>>. Acesso em março de 2016.
- Anônimo. *Women in Afghanistan*. Disponível em: <<http://www.afghanembassy.us/life-culture/afghanistan-in-brief/#Land and People>> Acesso em fevereiro de 2016.
- Anônimo. *Designer Profile*. Disponível na internet por http em: <<http://dianpelangi.com/about-us/about-designer-biography/>> Acesso em 27 de agosto, 2013.
- ARAÚJO, John. *O “Oriente” no “Ocidente”: observando o Islã no Suriname*. Disponível em: <<http://www.ppgcs.ufpa.br/arquivos/dissertacoes/dissertacaoTurma2007-JohnAraujo.pdf>>. Acesso em 04 de maio de 2016
- ASRIANTI; Tifa. *Itang’s heavenly creations*., Disponível na internet por http em: <http://www.thejakartapost.com/news/2010/08/08/itang%E2%80%99s-heavenly-creations.html> Acesso em 27 de agosto, 2013
- CANAL, Emily. *Saba Ahmed’s American Flag Hijab Is A \$10 Scarf Sold In Times Square*. Disponível em: <<http://www.forbes.com/sites/emilycanal/2015/11/19/saba-ahmeds-american-flag-hijab-is-a-10-scarf-sold-in-times-square/>>. Acesso em Agosto de 2016.
- ELIAS, Janaina. *As Cores e os estilos dos Povos Bandari* Disponível na internet em: <<http://chadelimadapersia.blogspot.com.br/search?q=burqa>> Acesso em 8 de julho, 2014.
- EMOND; Bruce. *Itang Yunasz righting himself*. Disponível na internet por http em: <<http://www.thejakartapost.com/news/2009/03/19/itang-yunasz-righting-himself.html>> Acesso em 27 de agosto, 2013.
- FAWCET; Rachele. *The reality and future of Islâmic feminism*, Al Jazeera, março de 2013. Disponível na internet por http em: <<http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2013/03/201332715585855781.html>> Acesso em 25 de agosto, 2013.
- HANA; Andreza. *Diferentes tipos de Véu Islâmico*. Disponível na internet por http em: <<http://www.lencos-e-aderecos.com/2011/07/diferentes-tipos-de-veus-islamicos.html>> Acesso em: em 15 de abril de 2013.
- JUM'AT, Andhina Wulandari. *DIAN PELANGI Hadirkan Koleksi Bernuansa Gurun Pasir Di IFW 2013*. Disponível na internet por http em: <<http://www.kabar24.com/gaya-hidup/read/20130215/34/144744/dian-pelangihadirkan-koleksi-bernuansa-gurun-pasir-di-ifw-2013>> Acesso em: 27 de agosto, 2013.
- MAHDI; Hauwa. *The Hijab in Nigeria, the Woman’s Body and Feminist Private/Public Discourse*. Disponível na internet por http em: <<http://>>

buffett.northwestern.edu/documents/working-papers/ISITA_09-003_Mahdi.pdf>. Acesso em 18 de maio de 2016.

MIMESSI, Carla. **Outra face do Islã**. Disponível em: <<http://www.revive.com.br/editorias/entrevista/outra-face-do-islã/>>. Acesso em maio de 2016.

PRATHIVI, Niken **Dynamic, chic & elegant**, The Jakarta Post, junho de 2013. Disponível na internet por http em: <<http://www.thejakartapost.com/news/2013/06/09/dynamic-chic-elegant-finesse-islamic-fashion.html>> Acesso em: 29 de agosto de 2013.

SANCHEZ; Giovana. **Gaúcha cria grife de véus islâmicos e ensina como usar modelos**. Disponível na internet por http em: <<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2011/05/gaucha-cria-grife-de-veus-islamicos-e-ensina-como-usar-modelos.html>> Acesso em: 27 de agosto, 2013.

SHARMA Swati. **MAP: Where Islamic veils are banned - and where they are mandatory**. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/news/worldviews/wp/2014/07/01/map-where-islamic-veils-are-banned-and-where-they-are-mandatory/>>. Acesso em setembro de 2015.

VIERA, Leonardo. **Mulher muçulmana é atacada com pedrada em São Paulo**. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/brasileira-musulmana-atacada-com-pedrada-em-sao-paulo-15071301>> Acesso em fevereiro de 2016.

VÍDEOS

Afghan Women's Progress. Afghanistan Embassy Washington D.C.. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tKMwAbI_O>

Direito Da Mulher No Islam. Professora Érika Renata. 8 de abril de 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=M3OuaYeaia>> Acesso em: 8 de abril de 2016.

1. **Flash Dress Up Game Tutorial Actionsript 3.0 CS4 CS5 CS5.5 Doll Character Model**. Adam Khoury. 3 de setembro de 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AqgSWnYQ8GO>> Acesso em: agosto de 2015

2. **Flash Dress Up Game Tutorial Actionsript 3.0 CS4 CS5 CS5.5 Doll Character Model**. Adam Khoury. 4 de setembro de 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZwiE7w2Nxt0>> Acesso em: agosto de 2015

Minha história com o Hijab. Mag Halat. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QsKw19-AobU>>

Mulher e Islam - Seria o Islam misógino? (Profª Drª Francirosy C. B. Ferreira). Arresala. 9 de fevereiro de 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6_5F6LW1mco> Acesso em: setembro de 2015

O que é ser Muçulmana no Brasil? Professora Érika Renata. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OBxOMGyDxs>>. Acesso em junho de 2016.

ENTREVISTAS, PALESTRAS E DISCURSOS

AYOUB, Nádía. Conversa com uma muçulmana de Bauru, maio de 2014.

AKHTAR, Rezwana. Conversa com bengalesa, via Facebook, agosto de 2016.

CISNE, Rebecca. Entrevista concedida pela muçulmana de Recife, via facebook, agosto de 2013.

GHARIANI, Meriam. Entrevista concedida pela tunisiana muçulmana, via facebook, agosto de 2013.

KHOLOUD, Fernanda. Entrevista concedida pela comerciante muçulmana brasileira, via facebook, abril, 2013.

MARESFIN, Hannah. Entrevista concedida pela secretária da marca Itang Yunasz, via email, abril de 2013

MIRANDA, Ria. Entrevista concedida pela designer de véus indonésia, via email, junho de 2013.

MIRIAM, pseudônimo. Conversa com uma muçulmana de Bauru, via facebook, abril de 2014.

MUSTAFA, Hannan. Entrevista concedida pela comerciante muçulmana brasileira, via facebook, junho de 2013.

RADWAN, Sarah. Conversa com muçulmana irlandesa. Agosto de 2015.

YUNASZ, Itang. Entrevista concedida pelo estilista indonésio, via email, junho de 2013.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1:** Coleção de véus. Página 6.
- Figura 2:** Jurisprudências islâmicas. Página 10.
- Figura 3:** Daring Rescue. Página 14.
- Figura 4:** Obra de Carol Rossetti. Página 14.
- Figura 5:** Infograph about hijab. Página 15.
- Figura 6:** Burqa, Niqab, Chador e Hijab. Página 16.
- Figura 7:** Ria Miranda. Página 18.
- Figura 8:** Coleção Tabriz de Itang Yunasz. Página 20.
- Figura 9:** Coleção de Itang Yunasz. Página 21.
- Figura 10:** Coleção de Ria Miranda. Página 22.
- Figura 11:** Captura de tela da página do Facebook TheHijabBlog. Página 23.
- Figura 12:** Site de compras HIJUP. Página 24.
- Figura 13:** Canal de YaztheSpaz89. Página 24.
- Figura 14:** Canal de Mag Halat. Página 24.
- Figura 15:** Coleção de Fay Hejab. Página 26.
- Figura 16:** Foto da autora. Página 27.
- Figura 17:** Foto da autora. Página 28.
- Figura 18:** We Can Do It. Página 30.
- Figura 19:** Lolita Coffeefreak. Página 32.
- Figura 20:** BRATZ. Página 32.
- Figura 21:** Jogo Hijab Make Up Salon. Página 33.
- Figura 22:** Jogo Hijab Dress Up. Página 33.
- Figura 23:** Jogo Selfie Girl. Página 33.
- Figura 24:** Primeiros sketches da personagem. Página 33.
- Figura 25:** Primeiros sketches da personagem. Página 36.
- Figura 26:** Processo de vetorização da boneca. Página 37.
- Figura 27:** Salwar Kameez. Página 38.
- Figura 28:** Sare ou shari. Página 38.
- Figura 29:** Firaq Partug. Página 39.
- Figura 30:** Firaq Partug. Página 40.
- Figura 31:** Firqa Partug. Página 40.
- Figura 32:** Sketches das roupas feitas a lápis. Página 41.
- Figura 33:** Roupas vetorizadas e coloridas. Página 42.
- Figura 34:** Boneca com roupas. Página 43.
- Figura 35:** Arquivo pessoal de Meriam Ghariani. Página 45.
- Figura 36:** Manteau iraniano. Página 45.
- Figura 37:** Arquivo pessoal de Arshia Maljaie. Página 45.
- Figura 38:** Manteau iraniano. Página 46.
- Figura 39:** Primeiros sketches da personagem. Página 47.
- Figura 40:** Processo de vetorização da boneca. Página 48.
- Figura 41:** Desenho de hijab e abaya. Página 49.
- Figura 42:** Sketches das roupas feitas à lápis. Página 50.
- Figura 43:** Roupas vetorizadas e coloridas. Páginas 51 e 52.
- Figura 44:** Bonecas com roupas. Página 53.
- Figura 45:** Casamento da princesa Hajah Hafizah. Página 55.
- Figura 46:** Hijab Terung. Página 55.
- Figura 47:** Dian Pelangi Pastel. Página 55.
- Figura 48:** Vestido de noiva indonésio. Página 56.
- Figura 49:** Primeiros sketches da personagem. Página 57.
- Figura 50:** Processo de vetorização da boneca. Página 58.
- Figura 51:** Sketches das roupas feitas à lápis. Páginas 59 e 60.
- Figura 52:** Roupas vetorizadas e coloridas. Páginas 61 e 62.
- Figura 53:** Bonecas com roupas. Página 63.
- Figura 54:** Turbante gelé, traje tradicional de noiva da Nigéria. Página 65.
- Figura 55:** Traje tradicional de noiva da Nigéria. Página 66.
- Figura 56:** Casamento de Amina Suleiman. Página 66.
- Figura 57:** Primeiros sketches da personagem. Página 67.
- Figura 58:** Processo de vetorização da boneca. Página 68.
- Figura 59:** Sketches das roupas feitas à lápis. Página 69.
- Figura 60:** Roupas vetorizadas e coloridas. Páginas 70 e 71.
- Figura 61:** Boneca com roupas. Página 72.
- Figura 62:** Hijabista americana, Saufeyya Bint. Página 74.
- Figura 63:** Sabah Ahmed em entrevista ao Fox News. Página 75.
- Figura 64:** Muçulmanas americanas. Página 75.
- Figura 65:** Primeiros sketches da personagem. Página 76.
- Figura 66:** Processo de vetorização da boneca. Página 77.
- Figura 67:** Sketches das roupas feitas à lápis. Página 78.
- Figura 68:** Roupas vetorizadas e coloridas. Páginas 79 e 80.
- Figura 69:** Boneca com roupas. Página 80.
- Figura 70:** Protótipo de jogo feito no Flash. Página 82.
- Figura 71:** Versão final do logo. Página 83.
- Figura 72:** Botões do jogo. Página 83.
- Figura 73:** Sketch do logo. Página 83.
- Figura 74:** Sketches dos cenários. Página 83.
- Figura 75:** Referências de estampas. Página 83.
- Figura 76:** Ideia inicial para o cenário. Página 83.
- Figura 77:** Cenários. Página 85.
- Figura 78:** Tela 01. Página 86.
- Figura 79:** Telas do jogo. Página 87.
- Figura 80:** Captura de tela do desenvolvimento do jogo no Flash. Página 89.
- Figura 81:** Captura de tela do desenvolvimento do jogo no Flash. Página 89.
- Figura 82:** Telas. Página 90.
- Figura 83:** Tela Sul Asiático. Página 91.
- Figura 84:** Tela África. Página 92.
- Figura 85:** Tela Sudeste Asiático. Página 93.
- Figura 86:** Tela América/ Europa. Página 94.
- Figura 87:** Tela Oriente Médio. Página 95.
- Figura 88:** Bonecas. Página 96.

GLOSSÁRIO

Burqa: véu usado em zonas rurais em países dos Sul Asiático que cobre completamente rosto da mulher, e tem um tecido fino para que os olhos vejam. É usado também em países ocidentais e tem sido, mais recentemente, proibido por governos locais na Alemanha, Bélgica, Dinamarca, Espanha, França, Holanda, Itália e Reino Unido.

Chador: véu tradicional iraniano que cobre o corpo da mulher e deixa o rosto a mostra. As mulheres fecham-o com as mãos ao redor do corpo.

Hadith: o hadith são textos com relatos da vida do cotidiano do profeta Muhammad, escritos por amigos e familiares do profeta. São textos considerados complementares do texto corânico.

Hijab: véu genérico usado pelas muçulmanas ao redor da cabeça, geralmente cobre também os ombros e o colo.

Niqab: véu usado comumente usado na Arábia Saudita que cobre o rosto da mulher, e tem uma abertura para os olhos. É usado também em países ocidentais e tem sido, mais recentemente, proibido por governos locais na Alemanha, Bélgica, Dinamarca, Espanha, França, Holanda, Itália e Reino Unido.

Niqah: consumação matrimonial.

Ramadan: mês sagrado baseado no calendário islâmico no qual os muçulmanos jejuam durante o dia e ceiam após o pôr do sol.

Salah: doação de 2.5% dos bens anuais ou caridade aos pobres e necessitados.

Zakat: fazer o jejum no Ramadan.

